

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

RELAÇÕES CULTURAIS PRÉ-HISTÓRICAS ENTRE PORTUGAL E A ÁFRICA.

SICARD, Harald de

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

SICARD, Harald de, Relações culturais pré-históricas entre Portugal e a África. *Revista de Guimarães*, 74 (1-2) Jan.-Jun. 1964, p. 5-78.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Relações culturais pré-históricas entre Portugal e a África

Pelo Dr. HARALD DE SICARD
Upsal (Suécia).

Um estudo exaustivo das relações culturais pré-históricas entre Portugal e a África exige um conhecimento muito vasto das civilizações deste país e desse continente. No estudo que vai seguir-se propusemo-nos apenas apresentar algumas considerações sugeridas no decorrer de uma visita que, em 1963, fizemos ao Museu Arqueológico de «Martins Sarmento», em Guimarães, e à Citânia de Briteiros, considerações que posteriormente ampliámos com o auxílio de elementos bibliográficos complementares obtidos na Suécia e com o estudo comparativo dos resultados das nossas investigações pessoais de africanista, que remontam a 1926, durante as quais por diversas vezes colaboramos com alguns portugueses nossos amigos. Com o presente ensaio outro fim não pretendemos atingir senão procurar despertar um interesse mais generalizado por este problema bastante obscuro, deixando a investigadores mais competentes do que nós o trabalho de completar e corrigir os resultados a que chegámos.

A civilização paleomediterrânea

Uma conclusão de capital importância para esta investigação a que nos entregámos é a de que a civilização paleomediterrânea, ponto de partida das nossas pesquisas, bem que se manifeste com características próprias em cada país onde se difundiu, apresenta indiscutível-

mente uma unidade fundamental (1), cujas influências se estenderam não só para Noroeste até à parte atlântica de Portugal e para Sudoeste até às Ilhas Canárias e à Costa da Guiné, mas ainda, através do Saará, até ao Sudão, e para Oriente, ao longo da costa africana, até os confins do Zambeze.

Foram principalmente ANDRÉ BERTHELOT e o P.^e DOMINIQUE WÖLFEL os investigadores que assinalaram a unidade fundamental da civilização paleomediterrânea. Seguindo as pisadas de BACHOFEN e de outros estudiosos (2), WÖLFEL pôs em destaque o matriarcado, como um dos traços mais significativos desta civilização, insistindo na necessidade de se prosseguir no estudo das analogias dos diferentes elementos culturais para além da África negrita, a fim de se chegar a uma objectividade em face dos diversos estratos, bem como a um esclarecimento quanto à sua sobreposição, e afirmou que, até hoje, se não tem ligado suficiente atenção ao estudo comparativo entre as características culturais da África e as do Mediterrâneo e da Europa Ocidental (3). Demonstrou principalmente este autor a existência de afinidades culturais entre as Ilhas Canárias e uma civilização mediterrânea primitiva mais avançada (4). Supõe ele que esses elementos mediterrâneos atingiriam as Ilhas Canárias pelo menos em duas vagas sucessivas (5), uma das quais substancialmente megalítica (termo este demasiado genérico, preferindo HEINE-GELDERN referir-se a um «complexo megalítico») (6); e a outra, essencialmente paleomediterrânea. Neste nosso estudo tornou-se por sua vez indispensável destacarmos igualmente as consideráveis diferenças que existem entre a antiga civilização das Canárias, apresentada por WÖLFEL, e a civilização dos «castros», esta última estudada a fundo

(1) Cf. BERTHELOT, pp. 109, 111, 114; WÖLFEL, *Hauptprobleme*, p. 131.

(2) BAUMANN, *Peuples*, pp. 82 ss.

(3) WÖLFEL, *Die Kanarischen*, p. 238; cf. também *Megalithikum*, p. 175.

(4) Cf. RÜTIMEYER, pp. 211-15; NEEL, p. 442.

(5) WÖLFEL, *Die Kanarischen*, p. 240.

(6) Cf. *A* 54/1959, p. 584.

especialmente pelo Coronel M. CARDOZO. Por exemplo: os antigos habitantes das Canárias desconheciam o pão e o gado corpolento.

Pelo que diz respeito às relações entre Portugal e as Canárias, o Mediterrâneo e a costa ocidental africana, já LEO FROBENIUS tinha querido ver um traço de ligação histórica nos antigos navegadores etruscos.

H. MÜHLESTEIN perfilhou esta hipótese e esforçou-se por demonstrar, quanto a nós com todo o acerto, que na civilização mediterrânea se encontraram dois elementos culturais explosivos: a civilização mais antiga, autóctone, matriarcal-religiosa, dos Etruscos pré-indoeuropeus, que teria atingido a Itália no século X a. C. (1); civilização essa que no século VI seria fecundada pela do Irão (2), menos remota, de espírito autónomo e patriarcal, que deste modo constituiria o segundo elemento da cultura mediterrânea (3).

Num extenso texto, J. KARST ocupou-se, mais do que outro qualquer cientista, da etnogenia dos povos ibéricos, adoptando como ponto de partida estudos etnolinguísticos. Segundo a sua teoria, o termo etnonímico de Etrurienses, ou Etruscos primitivos, será de origem «bascoide» (4), e Aitur ou Eitur seria o «propator», o avoengo primitivo respectivamente constituído pelos Proto-bascos e Proto-etruscos. A Líbia-Hespéria ibero-euscara seria a dos Proto-fenícios, «Creta» seria um elemento arcaico liguro-basco, e os Lelégios constituíam uma nação primitiva da Caria, onde o nome de «Ligures» era apenas uma modificação fonética (5). O conjunto do mundo bascoide estaria composto de três elementos principais: 1.º um elemento atlanto-ligure, 2.º um elemento líbio-mediterrâneo, 3.º a estes dois elementos teria vindo juntar-se um elemento alpino-caucasiano ou deutero-ibero representado pelos Georgianos, os Abkásios e outras populações do Cáucaso (6).

(1) MÜHLESTEIN, p. 92 s.

(2) *Idem*, p. 99.

(3) Cf. BAUMANN, *Das doppelte*, p. 168; GARCÍA Y BELLIDO, *Os mais primitivos*, p. 227 s.

(4) KARST, *Essai*, p. 11.

(5) *Idem, ibid.*, p. 29.

(6) *Id., ib.*, p. 17.

Os Proto-bascos ou Ibero-euscaros eram um povo de marinheiros e pescadores, nas costas do Atlântico (1). A área de expansão dos povos bascóides estendia-se por «uma imensa superfície: desde a Islândia até Creta e ao Egeu cario-lelegiano, desde a Ibéria hesperiana pirenaica até à Ibéria do Cáucaso». KARST adverte-nos de que «Ibéria Oriental» é a designação dada ao vale do Kura (2), ao qual adiante voltaremos a referir-nos. Afirmar também (aliás de modo pouco convincente) que os Proto-bascos «não têm afinidade alguma com os Berberocamitas da Mauritânia, quer linguística, quer somaticamente» (3), o que não exclui, evidentemente, afinidades culturais, pois, segundo a sua teoria, os Proto-frígios da «grande raça ponto-asiática» estendiam-se, durante o período pré-histórico, pela Ásia Menor, contornando o Cáucaso até Creta, pela África numídico-hesperiana — «da época pré-berberocamita» — e pela Hispânia. O parentesco de todas estas populações manifesta-se, não só nos vestígios linguísticos, no matriarcado e particularmente na covada (4) — da qual em África (Dama, Bunga) se conservam ainda alguns ténues indícios — (5), como ainda no culto do touro (o Minotauro em Creta e o Tusuri na Hispânia ibero-basca) (6), animal que ocupa lugar muito importante no culto africano.

Deste modo, posto que apresentando divergências consideráveis e uma etimologia por vezes duvidosa, KARST chega igualmente à conclusão da origem mediterrânea das relações culturais pré-históricas da Península Ibérica. GARCÍA Y BELLIDO (7) data os primeiros contactos directos, ou mediatos, entre os dois extremos do Mediterrâneo, de cerca da primeira metade do segundo milénio a. C.

Voltando aos Etruscos, vamos encontrá-los, pela primeira vez, nas fontes egípcias sob o nome de *turša*,

(1) KARST, *Essai*, p. 18.

(2) *Id.*, *ibid.*, p. 49.

(3) *Id.*, *ibid.*, p. 20.

(4) *Id.*, *ibid.*, p. 26 s.

(5) BAUMANN, *Das doppelte*, p. 74.

(6) KARST, *Essai*, p. 37; cf. p. 39.

(7) GARCÍA Y BELLIDO, *La Peninsula*, p. 85.

alterado pelos Gregos em *tyrsenoi* (1). O nome de *turša* remonta ao ano de 1227 a. C. (2), e daqui se presume uma primeira relação entre esses *turša* e Tartessos, a Taršiš da Bíblia, na foz do Guadalquivir (3), provavelmente fundada cerca de 1200 a. C., sendo mesmo talvez lícito aproximar o nome *turša* do da tribo «pré-protoligúrica» dos *turdetanos*, à qual M. CARDOZO alude (4). MÜHLESTEIN (5) traduz este nome como significando «cidade dos Etruscos», cuja presença, pelo menos em Espanha, é confirmada por TIMAIOS, citado por DIODORO (5,20); e — o que para nós é de um interesse muito especial — ESTRABÃO relata que, cerca do ano 115 a. C., EUDÓXIO encontrara na costa oriental africana (Quénia, Tanganica?) uma parte, de madeira, da proa de um navio, figurando um cavalo, e que das pesquisas então efectuadas se chegara à conclusão de que essa peça deveria ter pertencido a uma nave procedente de Gades (região de Tartessos) (6).

Geografia

Por diversas vezes se tem insistido sobre as afinidades da civilização mediterrânea com a dos países das costas atlânticas do Norte: Portugal, Irlanda, etc.; e tanto WÖLFEL (7) como inclusivamente outros autores localizam os *Oestrímnios* na Bretanha! (8). Não se ligou, porém, atenção suficiente às suas influências sobre as costas atlânticas do Sul e sobre a costa oriental africana, onde essa civilização se expandiu através da Síria, do Egipto, do Mar Vermelho e, embora em menor escala, por intermédio dos audaciosos navegadores de Gades. Não devemos também esquecer as antiquíssimas comuni-

(1) MÜHLESTEIN, p. 114.

(2) *Id.*, *ibid.*, p. 115.

(3) Cf. CARDOZO, *A tradição náutica*, p. 501.

(4) M. CARDOZO, *Alguns problemas*, p. 14.

(5) MÜHLESTEIN, p. 109.

(6) BERTHELOT, p. 237.

(7) WÖLFEL, *Die Hauptprobleme*, p. 132.

(8) CARDOZO, *Alguns problemas*, p. 13.

cações trans-saarianas que existiam entre a África do Norte e o Níger (1). É essencial, por outro lado, recordar que os antigos conheciam melhor a geografia africana do que geralmente se supõe. Uma simples vista de olhos ao trabalho fundamental de BERTHELOT logo nos põe ao corrente da situação real (2).

Estas breves citações provam suficientemente não ter sido necessário que os diversos elementos da civilização mediterrânea passassem através da Europa ocidental para se estenderem à África, e até o facto do encontro em Portugal e em África de elementos culturais comuns nos autoriza a admitir que sejam todos emanados da mesma origem mediterrânea, expandindo-se em várias direcções, tanto para Norte como para o Sul.

A Ilha da Madeira já era conhecida dos Fenícios. A supremacia marítima dos Etruscos atingiu o seu zénite por volta de 540 a. C., data essa em que eles venceram os Fócios, que até então constituíam a primeira potência do Mediterrâneo (3). Para WÖLFEL, uma prova das antigas relações marítimas, desde a Escandinávia às Ilhas Canárias, ressalta das gravuras rupestres esquemáticas de navios de tipo escandinavo encontradas em Creta, no Egipto pré-dinástico e nas Canárias (4). Este autor acrescenta o seguinte sobre o assunto: «Uma navegação que atingia as Canárias podia, sem dúvida, alcançar também a Guiné, como de facto alcançou». As Ilhas Canárias já eram conhecidas pelo menos dos marinheiros de Gades, que no primeiro século a. C. faziam expedições até essas paragens (5). As fontes de PLÍNIO provêm desses marinheiros (6), os quais já possuíam mesmo uma ideia das Ilhas de Cabo Verde e dos Açores (7), e as suas relações com a América Central também parecem admissíveis (8). Quanto às Canárias,

(1) Cf. BERTHELOT, p. 117.

(2) Cf. também CARDOZO, *A tradição náutica*, RG 1960.

(3) SCHULTEN, *Die Etrusker*, p. 372.

(4) WÖLFEL, *Die Kanarischen*, p. 246, com fig.; SCHARFF, p. 168.

(5) BERTHELOT, p. 294; cf. ESTRABÃO, supra, p. 9.

(6) Cf. a sua Ilha «Atlântida».

(7) CLAUSS, p. 44 s.

(8) Cf. HEINE-GELDERN, p. 119.

sabia-se que os seus habitantes pertenciam à raça líbica ou berbere, cuja língua falavam, como igualmente era sabido que eles tinham abandonado a navegação.

Vestígios de civilizações arcaicas em África

Segundo WÖLFEL a civilização «megalítica» ter-se-ia expandido por toda a parte através da via marítima (1). Era uma civilização de navegadores. Contudo, para evitar falsas conclusões, sublinha este autor que nem os Fenícios, nem os Etruscos foram os inventores da navegação. Contrariamente à opinião de KARST, insiste na «enorme importância» dos Berberes para a investigação da Europa antiga (2). Seja como for, a civilização canariana era marítima e megalítica, mas nada autoriza a conclusão de que os navios das gravuras rupestres daquelas Ilhas fossem de proveniência nórdica, por isso que as incursões normandas na Ibéria apenas começaram no século IX de J. C. (3) e só atingiram o Senegal, a Guiné e a Costa do Marfim em 1365 (4). Contudo WÖLFEL afirma (5), sem a menor restrição, que de futuro temos de entrar em linha de conta com uma época de descobertas e de colonização anterior à primeira metade do 3.º milénio a. C., levada a efeito por navios de alto mar, que teriam partido das mesmas praias de onde mais tarde levantaram ferro os exploradores dos séculos XV e XVI.

A nossa tese da presença em África de elementos da civilização paleomediterrânea está hoje inteiramente confirmada pelas investigações realizadas por EFR. ANDERSSON, o qual, reportando-se a H. BAUMANN, L. FROBENIUS e W. SCHILDE, verificou que tal presença se estendeu desde a bacia do Mediterrâneo até à Costa do Ouro (Ghana) e sul da Nigéria (6). Como um dos mais fla-

(1) WÖLFEL, *Hauptprobleme*, p. 127.

(2) *Id.*, *ibid.*, p. 129.

(3) TOVAR, p. 185.

(4) EVANS, p. 8.

(5) WÖLFEL, *Megalithikum*, p. 173.

(6) ANDERSSON, p. 301:2, 325.

grantes desses elementos, aponta-nos a divindade bifronte (1), que se encontra inclusivamente no Congo (2). Note-se que, segundo MAYANI (3), esse deus com duas caras faz lembrar muito uma divindade sumero-babilónica — o Porteiro que abre ao Sol as portas do céu; recordemos também que, num cilindro hitita de Boghaz-Keui (4), se encontra gravada uma personagem bifronte; finalmente, que LAUŠKINE, baseado no exame de uma estatueta bifronte, de osso, encontrada junto de uns petróglifos existentes ao pé do Lago Onega, interpreta os seres bifrontes como transportadores dos mortos aos infernos (5). Que saibamos, em Portugal nada existe correspondente a esta «cabeça de Janus».

Pertencente ao mesmo grupo, de elementos mediterrâneos, sob o ponto de vista tipológico, é a deusa das serpentes, entre os líbios do sul da Nigéria, posto que representada em barro. BAUMANN (6) considera-a derivada do Mediterrâneo, como todo o culto africano da serpente (vide infra, p. 22).

Outros elementos de procedência mediterrânea serão também, segundo ANDERSSON (7) os antigos ídolos ou esculturas de pedra da África ocidental, insistindo sobre o seu «carácter de fecundidade». Trata-se de estatuetas femininas semelhantes às esculturas do Neolítico europeu, encontradas em grutas e gravadas em *menhirs*, «e que até agora se têm interpretado como representações da deusa mãe pré-micénica».

Um outro elemento da civilização paleomediterrânea oriental seria a árvore da vida (8). ANDERSSON admite, contudo, que este culto se encontre em várias civilizações. Em África aparece sob um certo número de formas. Tem lugar nos contos e mitos, encontra-se nas pinturas rupestres e na arte decorativa, especialmente

(1) ANDERSSON, p. 344.

(2) *Id.*, p. 341.

(3) MAYANI, p. 65.

(4) CONTENAU, *La civilisation*, p. 151; cf. SÖDERBERG, pp. 105-108.

(5) LAUŠKINE, 5/1962, p. 193 s.

(6) BAUMANN, *Les Peuples*, p. 85 s.

(7) ANDERSSON, p. 344.

(8) *Idem*, p. 349.

sob a forma da «nervura de folha de palmeira», expressão esta que corresponde com maior propriedade, a essência do emblema do que a falsa designação inglesa de «herringbone» (espinha de arenque).

Sob uma forte influência de elementos paleomediterrâneos, ter-se-iam também constituído, segundo ANDERSSON (1), as sociedades secretas africanas. Contudo, sob este aspecto, ainda nos faltam os documentos comparativos com o Portugal pré-histórico.

Por diversas vezes, no decorrer desta nossa exposição, temos aludido aos elementos que o Professor H. BAUMANN atribui à civilização paleomediterrânea. Vamos agora acrescentar aqui mais algumas observações complementares.

O matriarcado dos Egeo-iberos (2) é o mesmo que MÜHLESTEIN atribui aos Etruscos (3), fazendo no seu texto alusão às amazonas — que LHOE considera estarem figuradas em pinturas rupestres do Tassili, dos Tuaregues (4) — as quais, segundo um mito grego, habitavam, sob o domínio da rainha Myrene, a região do Lago Triton (Líbia). Na história da África elas são conhecidas desde a Guiné até ao Zambeze (5). DUNDAS (6) diz que nos Djagas do Tanganhica se contam mulheres entre os seus guerreiros. No Cáucaso, a existência das amazonas é confirmada nos poemas épicos dos Ossetas (7). Na Ibéria Ocidental a tradição das amazonas parece haver-se perdido. Citaremos contudo, aqui, um «motivo» de analogia.

No Tassili, LHOE descobriu, relacionadas com estas amazonas, cenas pornográficas que fazem lembrar um baixo-relevo procedente da Citânia de Briteiros representando uma «cena fálica» (8). Não podemos interpretar, como queria DÉCHELETTE, este baixo-relevo (e bem

(1) ANDERSSON, pp. 301, 350.

(2) BAUMANN, *Les peuples*, p. 83.

(3) MÜHLESTEIN, p. 101.

(4) LHOE, p. 138 s.

(5) SICARD, *Amazonen*.

(6) DUNDAS, p. 312.

(7) KALOYEV, *O motivo de amazonas*; cf. INAL-IPA, *As aventuras*, pp. 106-9.

(8) CARDOZO, *Citânia*, p. 41, Est. XIX, 2.

assim outras cenas análogas desta antiga civilização) como «un méchant bas-relief romain» (1), porque a sua concepção nos parece ser muito mais antiga. Com efeito, cenas eróticas vamos encontrá-las nos sinetes orientais até ao período dos Partas (2), e KOHL-LARSEN identificou uma delas numa pintura rupestre do Tanganhica (3).

Uma característica bem típica da civilização paleo-mediterrânea seria, na opinião de H. BAUMANN (4), «o complexo da argila», que se estende até às Ilhas Bijagós e ao rio Cross, e se encontra, em determinado grau, na Rodésia do Sul (5). Entre os Sothos, as casas, os móveis, urnas funerárias, tambores, tulhas — tudo é feito de barro. Tal característica ainda não foi notada, no respeitante à civilização dos «castros», e é provável que nunca ali tenha existido, porque nas regiões montanhosas utilizava-se, sem dúvida, de preferência a pedra e a madeira.

A arquitectura civil dos castros portugueses

Parece-nos de certo modo conveniente acrescentar algumas palavras ao assunto da arquitectura civil, sobre o qual muito especialmente se debruçou M. CARDOZO (6). As antigas habitações dos «castros» eram construídas de pedra, e apresentavam três tipos de plantas diferentes: rectangular, circular e elíptica. M. CARDOZO acentua, e com razão, que a casa circular tem sua origem na civilização mediterrânea (7) e remonta «à Idade do Bronze, ou mesmo talvez aos tempos da cabana neolítica» (8). Além disso, a sua conclusão de que «a cober-

(1) DÉCHELETTE, *Essai sur la chronologie préhistorique de la Péninsule Ibérique*, in «Revue Arch.», tomo XIII/1909.

(2) v. d. OSTEN, *Altorientalische*, p. 60, ilustrações p. 61, n.º 42-44).

(3) KOHL-LARSEN, *Felsmalereien*, p. 92, fig. 44; p. 91.

(4) H. BAUMANN, *Les peuples*, p. 86.

(5) G. CATON-THOMPSON fala de um «período da argila» em Zimbaué, p. 80, 111.

(6) CARDOZO, *Citânia*, pp. 28 ss.; *Alguns problemas*, pp. 18-21.

(7) CARDOZO, *Alguns problemas*, p. 18.

(8) CARDOZO, *Citânia*, p. 29, nota.

tura das casas*redondas seria de forma cónica e feita de palha» (1) pode considerar-se definitiva.

Como é sabido, a casa de planta circular é ainda hoje a preferida pela África negra. Facto menos conhecido é, porém, o de, no extremo oposto da área da civilização paleomediterrânea, no Cáucaso, os Abkases, que falam uma língua do grupo ibero-caucasiano, construiram ainda até hoje cabanas circulares feitas de ramos entrelaçados, rebocadas interiormente com barro e cobertas com um cone de palha. Ao lado dessas casas redondas encontram-se também casas rectangulares (2). Os Abkases ocupavam essas casas com os seus animais domésticos, o que igualmente ainda faziam no século XIX os Karangas da Rodésia, por exemplo. As paredes não tinham mais que 2 m. de altura e o diâmetro era de 3,5 m., o que nos leva a crer que a reconstrução de duas casas, efectuada na Citânia de Briteiros, está deturpada — facto que Martins Sarmento, seu próprio reconstrutor, reconheceu (3).

Certos pormenores de construção das casas castrejas, constituem, segundo M. CARDOZO, «um interessante problema à espera de solução» (4). Mais uma razão para apontarmos o facto de nas Ilhas Canárias existirem construções com paredes maciças de pedra, sem esquinas, com a forma oval (5), tais como algumas dos castros.

As decorações

A faixa com entrançados e a espiral egeia

Um elemento artístico das habitações dos «castros» que logo salta aos olhos é o das faixas de entrelaços ou entrançados insculpidos nas ombreiras e padieiras de certas portas, duas das quais (*Est.* I, 1 e 2) se guardam

(1) CARDOZO, *Alguns problemas*, p. 19.

(2) INAL-IPA, *As aventuras*, p. 190 s.; cf. *Anthropos*, 56/1961, p. 664.

(3) CARDOZO, *Citânia*, p. 29, nota 2; p. 31, nota 4.

(4) *Idem*, p. 28 s.

(5) WÖLFEL, *Die Kanarischen*, p. 246.

no Museu Arqueológico de «Martins Sarmento», em Guimarães, procedentes da Cividade de Âncora (Alto Minho) e do Castro de Sabroso (1). Ao abordarmos o problema que tais ornatos suscitam, entramos no domínio das decorações e dos símbolos da cultura castreja, e das suas afinidades com a África, através do Mediterrâneo.

Algumas dessas cercaduras ou molduras das portas das casas dos «castros» deveriam ter sido de madeira, pelo menos as que especialmente constituíam as padieiras ou dintéis, como já aventara LÓPEZ GARCIA em 1927 (2), motivo por que se não conservaram até hoje, como as de pedra, a que nos estamos referindo. Estas duas portas estão profusamente ornamentadas com faixas de entrançados e de espirais egeias, sendo além disso as da porta da Fig. 2 associadas, do lado do rasgo ou abertura, a um ornato em nervura de folha de palmeira, que se prolonga em volta da parede da mesma cabana, pelo lado da base, o que igualmente se encontra numa outra ombreira, essa procedente da Citânia (3). A cercadura do exemplar da Fig. 1 é constituída por uma faixa de entrelaço triplo, ou seja, de três fitas entrançadas, bordada por uma corda ou torso que representa metade do ornato em nervura de palmeira. Quanto às portas que possivelmente fossem enquadradas com madeira, as analogias africanas levam-nos a crer que também esses enquadramentos seriam ornamentados (vide infra).

Permitir-nos-ão estas decorações chegar a qualquer conclusão concreta acerca das suas relações com outra civilização?

Não é possível responder a esta questão sem primeiramente havermos tentado esclarecer o problema, de maior amplitude, da origem das decorações que ornamentam os variados objectos pertencentes à civilização dos «castros», o que não implica a fixação da data desta civi-

(1) Cf. os N.ºs 108 e 116 do *Catálogo do Museu de Arqueologia*, 1.ª parte, *Secção lapidar e de escultura antiga*, por M. CARDOZO, Guimarães 1935, pp. 171 e 177.

(2) J. LÓPEZ GARCÍA, *La Citânia de Sta. Tecla*, La Guardia, 1927, p. 63; cf. M. CARDOZO, *Citânia*, p. 31, nota 4.

(3) CARDOZO, *Citânia*, Est. XI, 2, e *Catálogo do Museu*, 1.ª parte, n.º 114, p. 176.

lização, pois se torna necessário estabelecer uma distinção rigorosa entre estes dois problemas. O problema da origem das decorações, na parte respeitante às insculpturas em pedra, foi estudado por M. CARDOZO (1), que igualmente designou os objectos avulsos sobre os quais os diversos emblemas se encontram. Com satisfação verificámos que as nossas próprias investigações nos conduziram a resultados muito aproximados dos deste estudioso.

Contudo, no presente trabalho, não procuramos unicamente resolver o problema dos protótipos históricos dos ornatos, mas principalmente de penetrar nos mistérios do seu simbolismo. Sob este ponto de vista, a execução artística não tem para nós o mesmo valor que para o historiador, quando este compara a arte da civilização dos «castros» com a de um outro país, e verifica que essa arte é «bárbara», verificação que não conduz afinal a qualquer resultado útil. A arte é essencialmente desinteressada (2), enquanto que a maior parte das antigas decorações deve a sua origem a um impulso vital bem definido.

No nosso exame das decorações da civilização dos «castros» não podemos tão-pouco fixar-nos na época greco-romana, porque esta não representa, na história da evolução do simbolismo artístico, mais que um simples elo da cadeia formada, dentro de certos limites, pelas civilizações precedentes.

Ao destacarmos esta continuidade das influências culturais não pretendemos negar a concepção dos arquétipos (JUNG), nem o arquetípico no homem (KERÉNYI), aceites também por M. CARDOZO (3); contudo, insistimos no facto de o conjunto dos símbolos da civilização paleomediterrânea, acumulados num país pertencente à sua esfera de influência, não autorizar, de modo algum, a que consideremos a civilização dos «castros» desse mesmo país como uma simples cópia bárbara da arte greco-romana, sendo esta, como é, muito mais

(1) CARDOZO, *Algunas observaciones*, principalmente pp. 352-355.

(2) CAZENEUVE, p. 191.

(3) CARDOZO, *Algunas observaciones*, p. 354.

recente. No plano de fundo do simbolismo dos objectos recuperados durante as escavações realizadas, tanto anualmente em Briteiros e Sabroso, como noutras jazidas, com suas decorações de faixas de entrelaços, de espirais, de suásticas, de cruces, de círculos concêntricos, etc. — vamos encontrar a civilização religiosa e mitológica paleomediterrânea, essa «antiga barbárie» de que nos fala HÜBNER (1), ao confundir arte com simbolismo. Através da sua profunda intuição, MARTINS SARMENTO adivinhou, com muito maior justeza, as verdadeiras afinidades, tanto com relação ao caso presente, como a muitos outros (2).

Após esta pequena mas indispensável digressão, voltemos às decorações das portas dos «castros».

O «motivo» da faixa de entrelaços — elemento muito persistente em toda a arte ornamental (3) — era igualmente usual na civilização dos «castros». Encontrava-se extremamente espalhado no mundo mediterrâneo. Já no 3.º milénio a. C. aparece em Susa, na arte suméria (4). Exactamente o mesmo entrançado da porta n.º 108 do Catálogo do Museu de Guimarães (*Est. I, 1*) encontra-se gravado num anel-sinete hitita da época de 1400-1200 (5). As primeiras idades do Elam, da Suméria e do Akad, primeiro império babilónico, e sobretudo a idade dos Hititas constituíram a época da sua maior expansão. Foram os Hititas do 17.º século os que abundantemente fizeram uso da faixa de entrançados, como orla ou cercadura ornamental (6).

Uma espiral egeia semelhante à da porta n.º 116 do *Catálogo* do Museu de Guimarães (*Est. I, 2*) aparece gravada nas pilastras de um templo antigo de Malta,

(1) CARDOZO, *A Pedra Formosa*, p. 151.

(2) *Idem, ibidem*; acerca do ponto de vista de M. CARDOZO, em 1962, a propósito das relações culturais, cf. *Alguns problemas*, p. 14 s.

(3) Cf. CARDOZO, *Algunas observaciones*, p. 353.

(4) Cf. CHRISTIAN, p. 177, sobre uma imigração sumério-tibeto-birmane, procedente da região entre o Bramaputra e o Tchinduin, cerca de 2600 a. C.

(5) AKURGAL, *Est. 45*.

(6) v. d. OSTEN, *The Snake Symbol*, p. 405, 413 s.; AKURGAL, *Est. 52, 117*.

dos tempos neolíticos (1). A arte dos Etruscos é particularmente rica deste tipo de bordadura (2). Como exemplar caucasiano (século xv de J. C.) podemos citar a faixa entrançada — de duas cordas — ornamentando, a modo de coleira, o pescoço, de um carneiro sepulcral de pedra, (*Est.* II, 1) de Azerbaidžan (3), o que nos revela a ligação entre este símbolo e a sepultura, sendo oportuno aqui recordar que LEITE DE VASCONCELOS fez um profundo estudo acerca das estátuas de quadrúpedes em Portugal (4), que comparou a estátuas sepulcrais persas do mesmo género (5).

BAUMANN ensinou (6) que o foco de expansão africana da faixa de entrançados se encontra no Sudão central. Aí se nota uma grande quantidade de variantes. Poderemos citar, por exemplo: um bronze de Benim (7), como igualmente se encontra esta faixa entre os Nupés e os Somalis (8); vemo-la ainda nos Kubas, de Buchongo, entre o Kasai e o Sankuru (Congo-Leopoldville), abundantemente aplicada em vasos e taças de madeira, nos postes de madeira das casas, nos «feitiços» e em muitos outros objectos (9). Na verdade, só entre os Hititas encontramos esta faixa ornamentando objectos em tamanha quantidade comparável à dos Kubas. Os Kubas imigraram do norte, segundo rezam as suas tradições, e TORDAY (10) afirma mesmo que o reino da Lunda fora fundado por eles. DITTMER (11) julga encontrar na arte dessa tribo influências orientais.

Os Karangas da Rodésia do Sul, dos quais algumas tribos imigraram do Congo, esculpiram uma faixa entrançada num tambor antigo (12) comparável (*Est.* II, 2)

(1) UGOLINI, p. 33, fig. 13.

(2) Cf. as obras de BOSSERT.

(3) *Soviétsk. Etnografia*, 3/1956, p. 106.

(4) L. DE VASCONCELOS, III, pp. 15-43.

(5) *Idem, ibidem*, p. 40 s.

(6) BAUMANN, *Völkerkunde*, p. 304; *Les peuples*, p. 357.

(7) *Idem, Völkerkunde*, Est. XXVIII, 2.

(8) *Idem, Les peuples*, p. 75, fig. 18:5, 6; p. 275, fig. 237 s.; p. 317, fig. 280.

(9) ADAM, Est. 5, 7; TORDAY e JOYCE, figs. 101, 111, 187, 204 s., 209; Est. XXIV:7, XXV-XXVIII.

(10) TORDAY, p. 138.

(11) DITTMER, p. 488.

(12) de SICARD, *Ngoma*, Est. e p. 6:3.

aos tambores de guerra dos Congolezes e dos Ngon-
gos (1). A propósito, convém notar que o tambor
sagrado, pelo menos em África, é tido como símbolo
do antepassado; que esse mesmo tambor era colocado
em cima da sepultura de um chefe; e que, igualmente
como oferenda aos mortos, se encontra na tribo de
Mtoko, na Rodésia do Sul (2), entre os Lambas (Rodé-
sia do Norte), como também ainda, segundo parece,
entre várias tribos antigas do Tanganhica central (3).

Na Rodésia, o entrançado aparece, além disso,
gravado em vasos sagrados de esteatita encontrados
em Zimbaué (4), e em paus empregados nos augú-
rios dos Karangas (5). É curioso notar que a ma-
deira daqueles objectos divinatórios se chama *nokuara*



Fig. 1 — A deusa nua siro-fenícia e entrelaços simbólicos. (Segundo
CONTENAU)

(1) TORDAY e JOYCE, p. 91, figs. 71c, d.

(2) NADA., 1959, p. 24 s.

(3) KOHL-LARSEN, *Felsmalereien*, p. 36 s., Est. 12.

(4) CATON-THOMPSON, Est. L, p. 189.

(5) BENT, p. 38; BAUMANN, *Les peuples*, p. 79:5; 145, fig. 64;
GELFAND, p. 118.

ou *lumué*, que simboliza a mulher jovem (1). Em Moçambique, G. WILDER (2) encontrou, no começo do século, entre as madeiras de adivinhação dos Ndaus, a *ndbukubera* que, segundo ele, indicava qual fosse o espírito maléfico de uma mulher que molestasse as pessoas. Infelizmente, WILDER não fez a descrição das marcas gravadas naquela peça de madeira. Do que não resta dúvida é que, originariamente, o símbolo dos entrançados era desenhado na madeira e simbolizava a jovem, tal como o mesmo entrelaçado triplo da deusa nua siro-fénicia (*Fig. 1*) aparece muitas vezes tatuado nos ventres profusamente ornamentados das mulheres Kubas (3) (Vide p. 47). O entrelaço triplo foi também encontrado numa placa metálica de Sabroso (4).

Entre os Karangas, existem, numa outra peça da série *hakata*, chamada *Kuami*, que simboliza a maternidade (5), duas ovas entrelaçadas formando uma cruz (6). BAUMANN regista este emblema nos Yorubas (7), e TORDAY (8) entre os Kutas (9) e na Costa do Ouro. O seu protótipo encontra-se num vaso da 2.^a época proto-elamita de Susa, sob a forma de duas serpentes mordendo as próprias caudas (*Est. III, 1*) (10), evidentemente como símbolo da eterna autogeração da vida. O desenho lembra a «cruz labirintica» do Vale Camonica (11), da qual se encontrou igualmente um exemplo em Troia II (12). Em Portugal, na província do Minho, segundo uma informação que M. CARDOZO teve a amabilidade de prestar-nos, estas ovas entrelaçadas são fre-

(1) de SICARD, *The hakata*, p. 28; cf. GELFAND, p. 117.

(2) G. WILDER, p. 23.

(3) TORDAY e JOYCE, p. 156, fig. 194; p. 159, fig. 201.

(4) CARDOZO, *Citânia*, Est. XXXIX:3.

(5) de SICARD, *Hakata*, p. 28.

(6) BENT, p. 38; TRACEY, p. 24.

(7) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, Est. VI:9.

(8) TORDAY, *On the Trail*, p. 219, fig. 23.

(9) Cf. TORDAY e JOYCE, p. 193, fig. 278 c: sobre uma faca de parada; p. 218, fig. 327: sobre uma taça; Est. XXVII: em bordados do século XVIII.

(10) v. d. OSTEN, *The Snake*, p. 406; SCHULZ, p. 40:19.

(11) CHRISTINGER, figs. 2, 3, 12.

(12) *Idem, ibidem*, p. 57.

com trísceles? (vide p. 52). Por que razão volta a encontrar-se o entrançado insculpido dos dois lados daquela pequena porta da «Pedra Formosa»? M. CARDOZO comparou esta Pedra a uma «estela da necrópole hispano-romana de Poza de la Sal (Burgos)» (1); parece-nos imperativo confrontá-la também com a base, de pedra, de uma coluna de madeira, dos tempos do rei hitita Zenjirli (Anatólia, séc. x-viii a. C.), decorada com uma faixa destes mesmos entrelaços (2) e apresentando igualmente aberturas em forma de arco entre as duas metades do emblema, constituído por uma faixa entrançada, com rosetas (vide p. 51) nos laces (3). E qual a razão, também, perguntamos nós, por que volta a encontrar-se o entrançado nas tatuagens do ventre de uma mulher de Loango (4), em combinação com uma espécie de roseta, e com suásticas e duas ovais entrelaçadas (5)? Qual o motivo por que a faixa de entrelaços aparece no peito e no ventre de uma estatueta feminina dos Mende, da Serra Leoa (6)? Porque foi gravado o entrançado na parte superior da «Pedra Formosa», como também por exemplo na base do galo de Benim (7)? E porque hão-de aparecer lagartos e rosáceas, em lugar do entrançado, nas peças da armação de uma porta dos Camarões (8)?

Seriam todos estes ornatos adoptados ao acaso, e poderiam ter sido substituídos por quaisquer outros? Ou foi a escolha intencionalmente feita? O conceito moderno da «arte pela arte» não existia, de um modo geral, nas comunidades arcaicas (9), e esta verificação, que é suficiente para nos tornar circunspectos, parece

(1) CARDOZO, *Brotéria*, p. 187 e figs. 3 e 4.

(2) Cf. também a decoração do trono do rei hitita Barrekub, de cerca de 730. CONTENAU, *La civilisation*, p. 177; AKURGAL, *Est.* 131.

(3) BOSSERT, *Altanatolien*, *Est.* 229:895; CONTENAU, *Civilisation*, p. 173, fig. 52.

(4) BAUMANN, *Peuples*, p. 173.

(5) Um entrelaçado idêntico expandiu-se pelo Sudão e Camarões, BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 61, fig. 78.

(6) JOYCE, p. 97.

(7) OLDEROGGE, *L'Art*, *Est.* IX.

(8) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 97.

(9) Cf. v. d. OSTEN, *Snake*, p. 407.

aconselhar uma interpretação simbólica daqueles desenhos. Nestas condições, escolhemos propositadamente os exemplos citados, com o intuito de tornarmos mais evidentes as respostas às perguntas que atrás formulámos. Todo o antropólogo conhece a importância mítica da porta, do limiar, da entrada, da passagem, e sua relação com a vida e com a morte. O galo é igualmente o símbolo da vida. Ora nós supomos ter justificado que as faixas de entrelaços, a espiral egeia e os restantes emblemas devem ser considerados como símbolos representativos da fecundidade, da vida, e da vitória que a vida alcança sobre a morte.

Esta interpretação permite-nos agora ver mais claramente a concepção do conjunto da árvore da vida, ao lado dos entrelaçados das decorações das portas castrejas existentes no Museu de Guimarães, e provavelmente será então, junto da árvore sagrada, o lugar mitológico onde deveremos procurar, pelo menos em parte, a origem do ornato semelhante as nervuras da folha de palmeira, que se encontra também na cerâmica da Citânia, na sua «terra sigillata» (1) e numa determinada pedra (2) cuja gravura (*Est.* VI, 1) vamos analisar, em suas relações com o labirinto. Note-se, desde já, que a ornamentação em nervura de palmeira é muito frequente em África. Encontramo-la, por exemplo, na olaria da Rodésia do Sul, inclusivamente em relevo (3), nos vasos de esteatita de Zimbaué (4), e muitas vezes nas suas muralhas em ruínas.

Parece-nos contudo necessário limitar até certo ponto a nossa interpretação, pois não temos a pretensão de afirmar que os executores dos ornatos em questão os ligassem forçosamente ao simbolismo referido. Pelo contrário, parece-nos provável que, para eles, tais ornatos não tivessem, por vezes, mais que um valor de arte tradicional, cujo sentido simbólico primitivo se haveria perdido, na maioria dos casos.

(1) CARDOZO, *Citânia*, p. 47, Est. XXVI.

(2) *Idem, ibidem*, Est. XX, 2.

(3) BENT, p. 207.

(4) *Idem*, p. 200.

A espiral e o labirinto

Com os dados obtidos, estamos agora em circunstâncias de podermos avaliar o significado de algumas outras expressões artísticas da civilização dos «castros», comparando-as aos ornamentos análogos das civilizações mediterrâneas e africanas.

A espiral. Várias vezes temos feito referência a este emblema, ao examinarmos as espirais egeias, e verificámos que estas, sob o ponto de vista do seu simbolismo, devem considerar-se ligadas à faixa de entrelaços. A grande expansão do desenho da espiral — ela é conhecida em todo o mundo —, a sua relação com diversas civilizações, o seu simbolismo e as suas afinidades com outros símbolos tornam quase impossível uma apresentação sistemática do seu aparecimento. Todos os investigadores estão de acordo em que ela simboliza, pelo menos nas civilizações arcaicas, o caminho da morte para a vida, a renovação do cosmos e a fecundidade da terra. É necessário aproximá-la do círculo, dos círculos concêntricos, do suástica. Predomina na civilização paleomediterrânea e na dos túmulos megalíticos. Também é chamada labirinto, e, nesta qualidade, torna-se particularmente misteriosa (1). Na *Revista de Guimarães*, o obscuro problema da espiral e do labirinto foi pormenorizadamente discutido por R. SOBRINO LORENZO-RUZA (2). Novamente o abordamos agora aqui, mas sob um outro aspecto.

Lembre-mo-nos de que o labirinto pertence aos infernos, pois, sob o ponto de vista mitológico e religioso, os dois são análogos. Acentuemos que para o homem das civilizações arcaicas, o labirinto era uma coisa vivida, real, cuja essência ele não podia conceber senão por meio de um símbolo. Mais tarde, ficou apenas a forma da espiral, mas ela desperta sempre reacções comparáveis aos sentimentos primitivos da origem: o desenho espiral-labirinto traduz a continuidade incessante da cadeia vida-morte-vida (3).

(1) Cf. KERÉNYI, *Labyrinth-Studien*, p. 13.

(2) *RG*, vol. LXI/1951, LXIII/1953 e LXVI/1956.

(3) KERÉNYI, p. 55.

Na esfera da civilização mediterrânea, que não podemos separar estritamente da esfera da civilização do «complexo megalítico», encontramos a espiral. Para citarmos alguns exemplos, localizamo-la: em Chipre (1); num vaso da Palestina datado de 1200-1100 a. C. (2); como decoração em três linhas não entrelaçadas, na gola de uma estatueta de bronze de Urarte (3); nos templos e grutas neolíticas de Malta (4); etc., etc.

Também numa pedra procedente de Briteiros (*Est.* V, 2) se encontra insculpida uma espiral (5). A inscrição romana nela gravada mostra que se trata de um exemplar relativamente recente. Das espirais da civilização do vaso campaniforme falaremos adiante. Quanto à lista das espirais em petróglifos portugueses reportamo-nos a SOBRINO LORENZO-RUZA (6).

Em África, encontra-se a espiral no Saará, a oriente de Air, em gravuras rupestres neolíticas (7); pintada numa manteigueira dos Tuaregues; tecida num xairrel e numas calças dos Hussas; nos Camarões, gravada na face de uma representação humana, de terra cota, proveniente de Ndimi (8), e numa cabaça (9); aparece também representada sob a forma de serpentes labirínticas, num mosaico de pedras (*Est.* IV, 1) da casa de um chefe (10). Em Angola, numa tribo do grupo étnico Nganguela, qualquer mulher que não conceba «modela uma serpente em barro... extraído de um curso de água. Este ídolo, que ela coloca debaixo da cama, deve ter sempre a forma de uma serpente enroscada sobre si própria» (11); as mulheres e raparigas dos Handas dos Kilengues, dos Nhanecas usam, como adorno, a espiral feita da secção de uma concha cónica (12), colocada

(1) BOSSERT, *Altsyrien*, *Est.* 291, n.º 976; p. 20.

(2) *Id.*, *ibid.*, *Est.* 339, n.º 1162.

(3) BOSSERT, *Altanatolien*, *Est.* 305, n.º 1.164; p. 91.

(4) UGOLINI, p. 75, *Est.* IV, fig. 13, 73.

(5) CARDOZO, *Citânia*, *Est.* XX, 1.

(6) LORENZO-RUZA, *Motivos*, p. 60 s.

(7) BOUSSENARD e MAUNY, *Est.* 1:5; 3 :24.

(8) LAVACHERIE, fig. 14.

(9) BOSSERT, *Ornamente*, *Est.* 4:2; 5:10; 6:3; 10:10.

(10) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, fig. 99:1.

(11) HAUENSTEIN, p. 225. A explicação do rito dada ao autor parece-nos secundária.

(12) ESTERMANN, II, *Est.* II:10-12; III:17; VI:36; VII:37-40

ao peito e até sobre as costas (1), junta com uma cruz semelhante à cruz «românica» de Briteiros (ver adiante p. 52); o mesmo fazem entre os Hereros (2). Esta espiral, fabricada de uma concha, é o símbolo da fecundidade. Nas populações entre o Zambeze e o Limpopo é considerada uma prerrogativa da realeza e da nobreza (3). Os Vendas do Transval consideram-na também como o princípio da vida (4). Particular atenção merece uma espiral gravada num chifre, usado como vaso para beber, dos Kubas do Congo, Leopoldville (5), os quais possuem uma relação de 121 soberanos, conservam a tradição de haverem imigrado do norte, e dizem que o fundador da sua tribo era um «branco»; na sucessão conservam o matriarcado (6). Nas suas expressões artísticas encontram-se vestígios do Mediterrâneo e do Oriente (7).

O labirinto. Pelo que respeita à concepção do labirinto, é nosso propósito tratar primeiramente da sua representação na civilização mediterrânea, para nos ocuparmos seguidamente do labirinto na contextura megalítica, na Europa e na África, posto que nem sempre seja possível separar estes dois aspectos.

Encontramo-lo gravado numa moeda de Cnossos (*Est.* IV, 2) (8) e pintado num vaso da Etrúria (9). Outras moedas de Cnossos contêm o labirinto sob a forma de um suástica, com o Minotauro no reverso (10). À reprodução dada da moeda de Cnossos pode comparar-se uma pintura rupestre (*Est.* V, 1), localizada em Umtali, na Rodésia do Sul, concebida como se fosse uma enorme serpente enroscada sobre si (11). As «cabe-

(1) ESTERMANN, II, *Est.* XXIII: 137.

(2) *Idem*, III, *Est.* II:10, V:26, VII:32, VIII:36.

(3) de SICARD, *The Romwe*, pp. 13 ss.

(4) Relativamente a espiral-labirinto-concha, cf. KERÉNYI, *Labyrinth*, p. 56 s.

(5) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, *Est.* VII:5.

(6) TORDAY e JOYCE.

(7) K. DITTMER, p. 488; WESTERMANN, p. 412.

(8) *RG*, 1951, fig. p. 382.

(9) HOOKE, p. 34.

(10) *Idem*, p. 9 s.

(11) SUMMERS, p. 106, *Est.* 59.

ças de animais» que ali se vêem, são na realidade cabeças de serpentes, que encontram analogia nas serpentes de duas ovas entrelaçadas (*Est.* III, 1) de um sinete do final do 3.º milénio a. C. (1) e na cabeça de serpente com orelhas, na parte central do labirinto gravado num monólito de Gavr'inis, na Bretanha (2).

Nos contos dos Karangas, da Rodésia do Sul, a cabeça da serpente representa o princípio feminino (3).

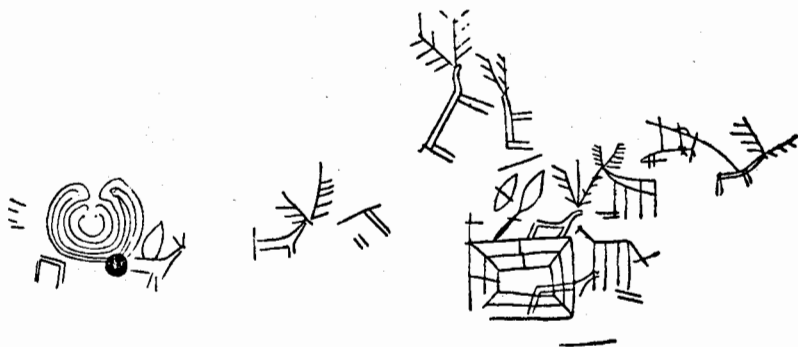


Fig. 2 — *Labirinto rectangular de Daghestan (Cáucaso).*

(Segundo MARKOVINE)

Por outro lado, quer-nos parecer que a gravura rectangular da pedra de Briteiros reproduzida na *Est.* V, 2 no seu canto inferior esquerdo representa, um suástica, isto é, um dos símbolos idênticos à espiral. De facto a combinação espiral-suástica- «roda solar» volta a encontrar-se num petróglifo espanhol de Tourón (4) (*Fig.* 4). E até a parte restante da citada gravura da pedra da Cítania se pode explicar, com probabilidade, como sendo um

(1) v. d. OSTEN, *Snake*, p. 410 s.

(2) PEQUART, *Est.* 116.

(3) de SICARD, *Karanga-Märchen* I, p. 50:1.

(4) SOBRINO LORENZO-RUZA, *Motivos*, p. 97, *Est.* VII:2.

labirinto rectangular, do tipo referido por SOBRINO LORENZO-RUZA (1) e por CHRISTINGER (2), encontrado em Daghestan, no Cáucaso (3) (Fig. 2). Finalmente, toda a gravura da metade direita da mesma pedra de Briteiros (*Est.* V, 2) não será mais que um único labirinto estilizado, tal como na gravura da parte esquerda de uma outra pedra (*Est.* VI, 1) da mesma procedência (4), contendo a nervura de palmeira e os característicos semi-círculos ao lado direito. Ambas estas pedras apresentam a cabeça de serpente ao centro, semelhando os petróglifos de Gavr'inis.

Quanto a nós, pode juntar-se a estas gravuras a ornamentação incisa que se vê na parte superior dos «braços» da Pedra Formosa (*Est.* III, 2), embora sob forma rudimentar, e que é «vulgaríssima em várias pedras encontradas na Citânia e mesmo noutras estações» (5).

Nesta altura, torna-se necessário fazermos um pequeno desvio. Trata-se da interpretação de uma rude gravura que se encontra na parte posterior da Pedra Formosa (*Est.* VI, 2). Muito se especulou sobre o seu significado e diversas hipóteses foram apresentadas (6). Quanto a nós ela representa o intestino ou o útero, que CHRISTINGER (7), com boas razões, comparou ao labirinto, útero que é também simbolicamente representado por círculos concêntricos, e intestino a que adiante voltaremos a referir-nos. CHRISTINGER alude ao alemão *Darm*=intestino, tripa; e com efeito o tema desta palavra encontra-se no grego *tórmos*, que significa «abertura na qual se introduz um tampão», e também no verbo alemão *dreben* = dar voltas, torcer, significados que nos levam à espiral, nos lembram *Tróia*, que era um labirinto, e que sugerem o acto da procriação.

(1) SOBRINO LORENZO-RUZA, *Motivos*, p. 58.

(2) CHRISTINGER, fig. 8, 12.

(3) MARKOVINE, p. 149.

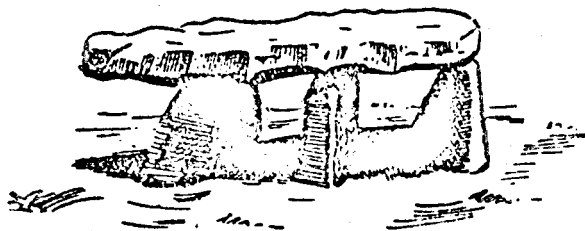
(4) CARDOZO, *Citânia*, *Est.* XX:2.

(5) CARDOZO, *A Pedra Formosa*, *RG./XXXVIII*, p. 18.

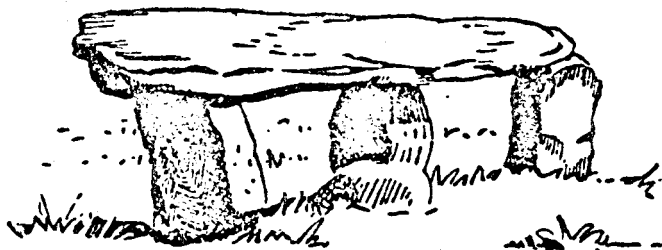
(6) *Idem*, *RG./XXXIX*, pp. 96 ss, com fig.

(7) CHRISTINGER, p. 47.

No decurso deste nosso trabalho já por vezes temos feito menção do umbigo, esse «centro do mundo», algumas vezes representado na espiral pelo desenho de uma cabeça de serpente — o monstro que habita o labirinto. O facto de o umbigo também poder ser representado por uma rosácea ou estrela parece estar em con-



1



2

Fig. 3 — Mesas de pedra (Steintische): 1 — Harrar, Abissínia
2 — Inyanga, Rodésia do Sul

(Segundo JENSEN)

tradição com o símbolo indicado pela cabeça de serpente, mas não esqueçamos que o Minotauro, do labirinto de Creta, sob o nome de Astérios, era precisamente «para a sua família, uma estrela» (1).

(1) KERÉNYI, *Mythologie*, p. 266.

Resta-nos, finalmente, examinar o labirinto dentro do complexo megalítico a que na Europa se dá a designação de «cultura do vaso campaniforme», e que é caracterizado por sepulturas e círculos megalíticos, túmulos, terraços e petróglifos; recordemos igualmente que vários investigadores consideram a Península Ibérica o foco desta civilização, posto que ainda se não tenha chegado a acordo sobre tal assunto (1). A espiral é um elemento que faz parte integrante dessa civilização, da qual a não podemos separar.

Os túmulos megalíticos largamente representados em Portugal, também se encontram nas Canárias (2), mas enquanto que na Rodésia do Sul os círculos megalíticos, bem como os túmulos deste mesmo país e os de Angola têm um monólito no centro (Distrito de Melssetter, vizinho de Moçambique) (3), os túmulos das Canárias apresentam-se sem esse monólito central (4).

O dólmen, que é o tipo mais antigo do sepulcro megalítico (5), tem em Portugal um dos seus focos mais importantes (6), com similares na Catalunha (7), como também na Etiópia (8). Na Rodésia do Sul, nas montanhas de Inyanga, SEEKIRCHNER, que tomou parte na expedição de L. FROBENIUS em 1928-1930, encontrou e fotografou «mesas de pedra» (*Steintische*), que noutros tempos tinham servido de alicerces de celeiros (*Fig. 3 e Est. VII, 1*). Finalmente, os terraços, tão espalhados em Portugal, encontram-se igualmente nas Canárias, como em várias regiões africanas (9), incluindo o Senegal (10) e Moçambique (11). Porque

(1) WÖLFEL, *Religionen*, p. 244; HEINE-GELDERN, *A* 54/1959, p. 584.

(2) WÖLFEL, *Die Kanarischen*, p. 234.

(3) BAUMANN, *Die Frage*, Est. XIII: 4, XIV.

(4) WÖLFEL, *Die Kanarischen*, p. 248.

(5) WÖLFEL, *Religionen*, p. 174.

(6) Cf. CARDOZO, *Monumentos*, p. 446, fig. 20.

(7) PERICOT GARCIA, p. 12, Est. V.

(8) JENSEN, *Simbabwe*, p. 118.

(9) Quanto à difusão dos terraços cf. a carta de SUMMERS, *Inyanga*, p. 248.

(10) GARD e MAUNY.

(11) NEUPARTH, p. 115.

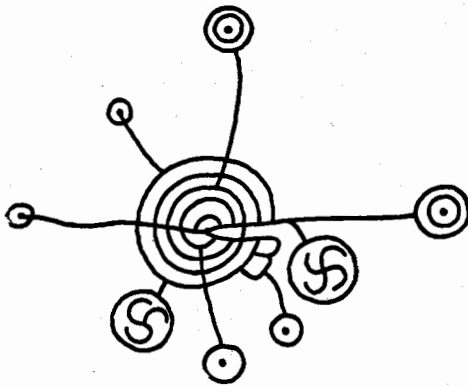
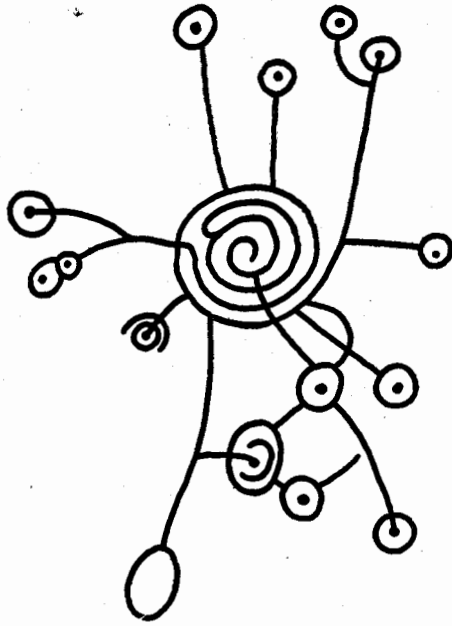
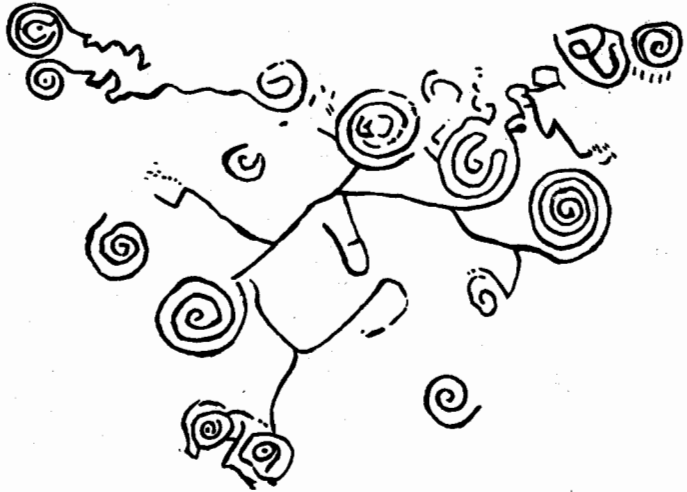
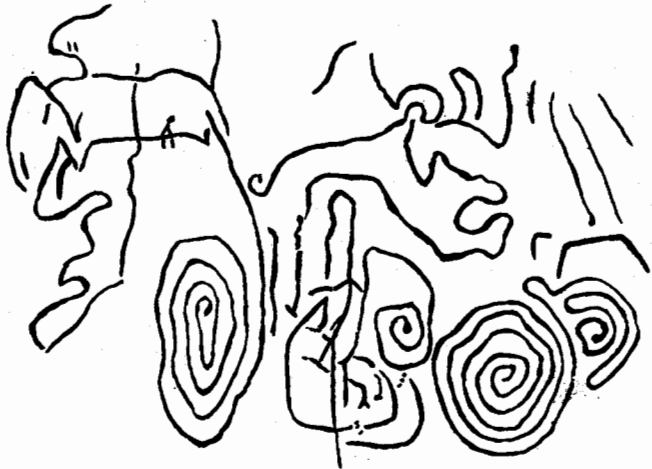


Fig. 4 — *Labirintos complicados de Tourón (Pontevedra).*

(Segundo R. SOBRINO)



1



•2

Fig. 5 — Labirintos complicados, gravuras rupestres de Ingorima (1), e de Inyanga (2). Rodésia do Sul.

(Segundo SUMMERS)

os povos do complexo megalítico eram agricultores. Para eles a propagação e a conservação da vida, da fertilidade e da fecundidade constituíam um factor primacial, pelo que a espiral e o labirinto eram a expres-



Fig. 6—Dança labiríntica, gravura rupestre das Ilhas Canárias.

(Segundo WÖLFEL)

são simbólica das suas mais profundas e emocionantes experiências.

Por essa razão é que na Citânia de Briteiros se encontra gravado, pelo menos, um «pseudo-labirinto», (Fig. 8) (1), como também um outro em Pontevedra,

(1) LORENZO-RUZA, *Petróglifos*, p. 384, Est. I: 2; cf. DELGADO, fig. 1.

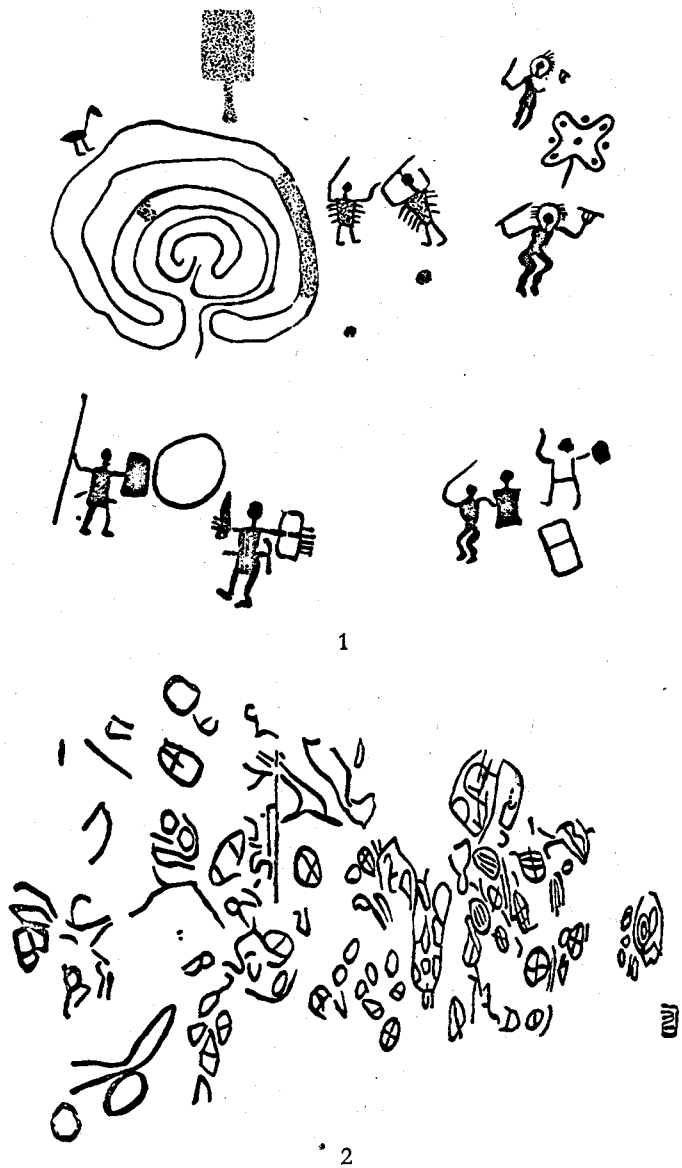


Fig. 7—1 Danças labirínticas mediterrâneas (Cemmo, Vale Camonica).

(Segundo CHRISTINGER)

2 Petróglifo das Ilhas Canárias.

(Segundo WÖLFEL)

na costa noroeste da Espanha (*Est.* VII, 2) (1). LORENZO-RUZA data os labirintos rupestres do ocidente da Península entre 1700 e 1500 a. C. (2), e a ele se deve a reprodução (3) de alguns petróglifos complicados do Noroeste (*Fig.* 4), representando um verdadeiro labirinto de círculos, de espirais e de linhas (4). Em Angola (5) existe uma gravura rupestre semelhante a essa (*Est.* VIII, 1) e na Rodésia do Sul, em Inyanga — país dos *Steintische* (6), dos túmulos, dos terraços e da pintura rupestre da serpente em forma de labirinto (*Est.* V, 1) — há igualmente duas gravuras (7), cuja semelhança com as de Espanha e de Angola é flagrante (*Fig.* 5).

Finalmente é digna de atenção a escultura em madeira, numa cabana Yoruba (8), muito sugestiva, com suas faixas e serpentes entrelaçadas e com um desenho que nos parece representar um «pseudo-labirinto», ou uma madre.

Nas Canárias encontra-se a espiral e o labirinto (*Fig.* 6 e 7:2) gravados num grande número de rochedos (9), e num deles vê-se, aos lados da espiral, dois guerreiros executando, ao que parece, uma dança ritual (10); aparece, além disso, diante de um dos guerreiros, a representação de uma serpente ou de um intestino, conjunto semelhante ao de uma gravura de Cemmo, do Vale Camonica, nos Alpes italianos (*Fig.* 7:1) (11); lá se encontra



Fig. 8 — Pseudo-labirinto, da Citânia de Briteiros.

(Segundo M. Sarmento).

(1) KERÉNYI, *Labyrinth*, p. 59; SOBRINO, *Petróglifos*, p. 381 fig. 1.

(2) LORENZO-RUZA, *Ensayo*, p. 442.

(3) *Idem*, *Los motivos*, Est. VI, VII.

(4) *Idem*, *ibidem*, pp. 74 ss.

(5) BAUMANN, *Vorläufiger*, Est. II:4.

(6) Cf. p. 32.

(7) SUMMERS, *Rock Art*, fig. 58, 59, pp. 229-231; relativamente ao Transval cf. PYPHER, Est. VIII.

(8) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 127: 1.

(9) DELGADO.

(10) Cf. CHRISTINGER, p. 49, 57.

(11) *Idem*, fig. 5.

também a pequena cruz isósceles, tal como na gravura de Cemmo, e o pequeno círculo dividido a meio, que conhecemos dos petróglifos de Espanha (*Est.* VIII, 2) (1), de uma gravura rupestre da Rodésia do Norte (2) ao pé de uma marca enigmática figurando uma espécie de tridente rectangular, também gravado num vaso da Citânia (3), e num lingote de cobre encontrado em Creta (4), comparável ao sinal marcado numa placa de Micenas (5); um tridente semelhante encontramos também numa pintura decorando o interior de uma cubata Malé, na Etiópia do Sul, onde ocupa o último lugar de uma série de cinco símbolos sucessivos, sendo o primeiro uma pequena cruz e os três seguintes representações humanas, uma das quais com um pente de chuva na mão (6). Cumpre lembrar que MEYERSBERG e LOMEL demonstraram, em 1939, a íntima relação entre o pente de chuva e o touro do céu, apontando o seu simbolismo representativo da fertilidade; e, nas figuras reproduzidas por esses autores, destacam-se os círculos concêntricos, o intestino, a cruz, o suástica, a nervura de palmeira, uma determinada forma do trisceles e, claro está, a espiral.

O pequeno círculo dividido a meio é, em hitita, a representação de «he» (7), em etrusco é o sinal de «ph» (8), e figura como letra do alfabeto proto-arábico (9), etc.

Recentemente, o Pastor A.-I. BERGLUND, missionário da Igreja da Suécia, encontrou a espiral num petróglifo, em Oscarsberg (Natal), com a pequena cruz junto dela e próxima de três círculos concêntricos tendo além disso um pequeno círculo dividido a meio, ao pé de

(1) PERICOT GARCIA, *Est.* VI.

(2) SUMMERS, *Rock Art*, *Est.* 116-b.

(3) *RG*, LIII/1943, p. 254; CARDOZO, *Citânia*, *Est.* XXIV:2, cf. fig. 8, p. 43:10.

(4) DUSSAUD, p. 249, fig. 178.

(5) RICH, p. 145, fig. 1.

(6) JENSEN, *Altvölker*, *Est.* 12:1.

(7) MERIGGI, p. 209.

(8) MAYANI, p. 430.

(9) BENT, p. 199.

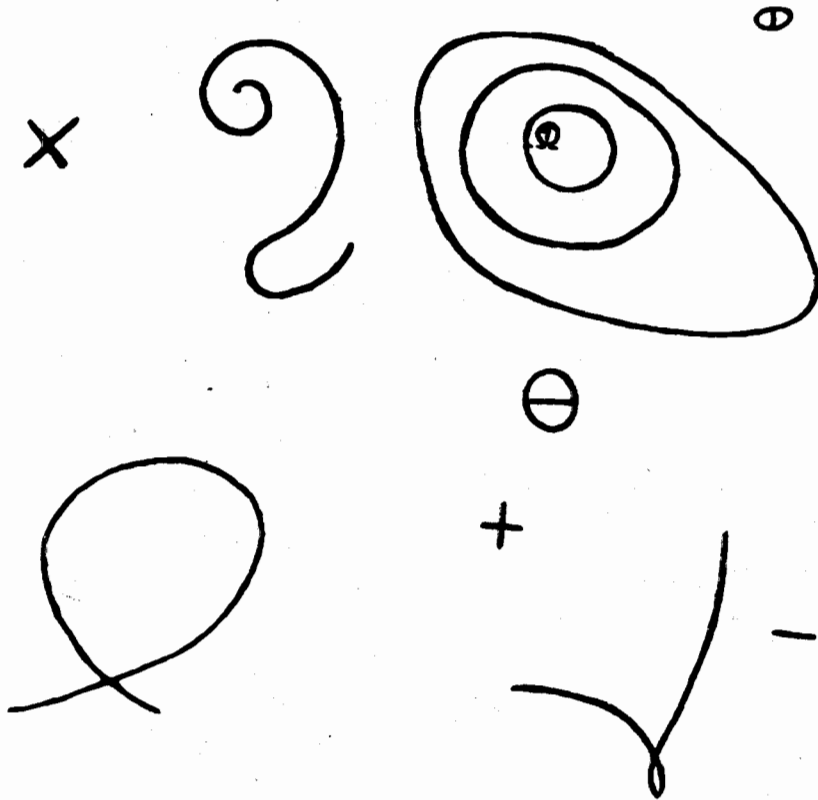


Fig. 9 — Gravuras rupestres de Oscarsberg (Natal).

(Segundo Berglund).

um laço (Fig. 9) análogo ao gravado no petróglifo de Barranc, Espanha, e a um outro da Sierra de Hornachos (1). Não cremos que este laço represente um «personagem esquemático», e muito menos que a fig. 5, n.º 1, de GLORY, seja «uma estilização da cabeça humana» (2). Este laço encontra-se igualmente nas

(1) GLORY, p. 9, fig. 2:2.

(2) *Idem*, p. 11 s.

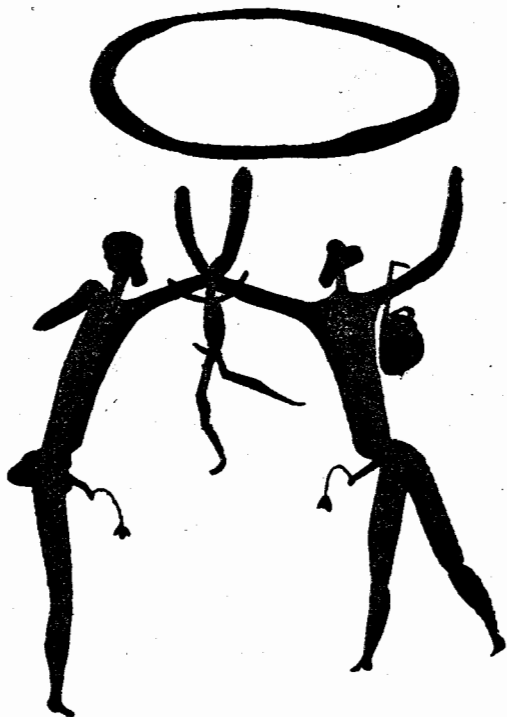


Fig. 10 — *Dança labiríntica, pintura rupestre de Nsani (Rodésia do Sul).*

(Segundo FROBENIUS).

Ilhas Canárias (1), num conjunto em que não pode interpretar-se como sendo uma cabeça, e entre os Georgianos do Cáucaso há um pão sagrado, afectando essa forma (2).

Fizemos atrás menção de dois guerreiros entregues a uma dança ritual num petróglifo das Canárias (pág. 37). Ora uma pintura rupestre de Nsani, na Rodésia do Sul, contém o mesmo motivo: dois homens combatendo debaixo de um círculo, ou melhor, junto dele. Um dos combatentes só mostra uma perna (Fig. 10) (3), e CHRIS-

(1) DELGADO, p. 434, fig. 6.

(2) BARDAVELIDZE, Est. VIII:7.

(3) FROBENIUS, Est. 41.

TINGER observou, no conjunto dos dançarinos e labirintos gravados do Vale Camonica, que «a dança, num pé só, serve para fecundar a natureza, e dá a quem a ela se entregar... um certo poder sobre o mundo dos espíritos» (1).

Sempre os mesmos motivos aparecem ante os nossos olhos.

Círculos concêntricos

Uma variante da espiral é constituída pelos *círculos concêntricos*. Com efeito já várias vezes os encontramos em combinação com a espiral simbólica, e, desse facto, deduzimos uma nova demonstração da inutilidade, quanto a nós, da catalogação dos antigos motivos artísticos e simbólicos feita separadamente uns dos outros. Porquanto, é precisamente o seu conjunto que os torna aptos para uma verificação das suas relações culturais pré-históricas, tanto mais que cada um desses símbolos está tão generalizado que não permite chegar-se a qualquer conclusão quando considerado isoladamente.

Os círculos concêntricos são por vezes, do mesmo modo que a faixa de entrançados, representados tendo um umbigo. Na Citânia encontram-se os círculos na «terra sigillata» (2), combinados com outros emblemas da fecundidade, em ornatos (*appliques*) de bronze (3), e na decoração da olaria indígena (4). Também não faltam os círculos na «Pedra Formosa», como era de esperar, depois de tudo quanto temos podido verificar! Vemo-los aí gravados, muito embora incompletos, (*Est.* III, 2) nos dois lados da sua parte central; a meio da parte superior, vê-se um umbigo definido por três círculos concêntricos; e, na parte interna de cada um dos lados, três sinais em forma de X, tendo os dois inferiores um braço duplo, como se vê na cruz gravada num fragmento cerâmico da época do Bronze, encon-

(1) CHRISTINGER, p. 59; fig. 3, 14: «Tripudium deante de um círculo».

(2) CARDOZO, *Citânia*, Est. XXVI.

(3) *Idem, ibid.*, Est. XXX:1.

(4) *Idem, ibid.*, p. 41.

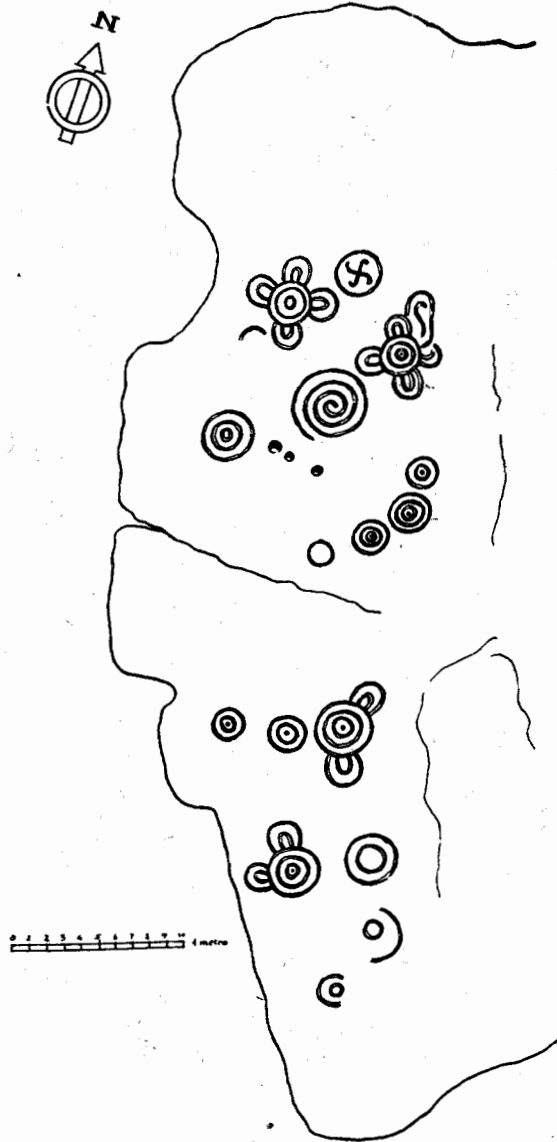


Fig. 11 — *Circunferências concêntricas e espiral, gravura rupestre do Monte da Saia (Barcelos).*

(Segundo M. CARDOZO)

trado no monte da Penha, em Guimarães (1), e nas cruzes georgianas da Fig. 13. Além disso, aquele umbigo, a meio da parte superior da «Pedra Formosa», forma uma cavidade redonda, o que mais vem confirmar a concepção de «ventre» dada a esta pedra (vide p. 47).

Em Sabroso há círculos concêntricos triplos gravados num dos rochedos do alto do monte (*Est.* IX, 1), tendo um desses círculos, no centro, a cruzinha (2) que já conhecemos dos petróglifos megalíticos. Numa outra gravura rupestre do mesmo local aparecem duas espirais junto dos círculos concêntricos (3). Em Briteiros encontramos os círculos concêntricos triplos igualmente em gravuras rupestres (4). Finalmente, na «Laje dos Sinais» do Monte da Saia, em Barcelos, os círculos são também triplos (com umbigo), mas dispostos em grupos de cinco formando cruz, junto de um suástica envolvido por um círculo e de uma espiral (*Fig.* 11 e *Est.* IX, 2) (5). Um destes agrupamentos em cruz contém, entre dois dos seus braços, o símbolo «S», dentro de um círculo. A estes agrupamentos podem comparar-se não somente uma gravura rupestre da Irlanda (6), como também as duas ovas entrelaçadas de um selo da Costa do Ouro (7), e ainda uma cruz do Tanganica (*Est.* X); uma cruz idêntica ornamenta igualmente uma pele de carneiro procedente da Etiópia do Sul (8).

No âmbito da civilização paleomediterrânea os círculos concêntricos encontram-se representados em sinetes do Próximo Oriente (9); numa insígnia cultural do Hatti, ostentando a forma de um veado com o corpo ornamentado de sete pares de círculos concêntricos e duas cruzes singelas envolvidas por uma circunferência (*Est.* XXII); em ídolos de barro, com círculos a ornamentá-los, combinados com a decoração em ner-

(1) RG, XXXVIII-1928, p. 135 s.

(2) CARDOZO, *Monumentos*, RG, LX/1950, p. 431, fig. 13.

(3) *Idem*, *ibidem*, p. 432, fig. 14.

(4) *Idem*, *ibidem*, p. 474, fig. 30.

(5) CARDOZO, *Monumentos*, RG LXI/1951, p. 95, figs. 38 e 40.

(6) *Idem*, *ibidem*, p. 26, fig. 42.

(7) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 61, fig. 207.

(8) JENSEN, *Altvolker*, fig. 23:1.

(9) v. d. OSTEN, *Altorientalische*, fig. 125-7, 186.

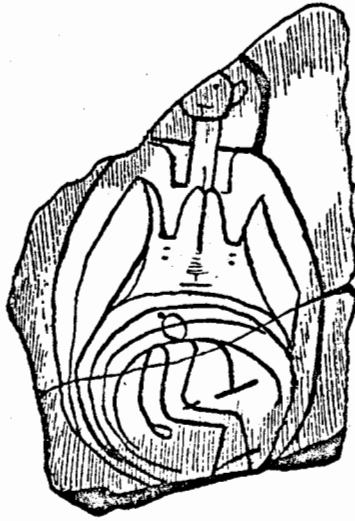


Fig. 12 — Estela egípcia, com uma figura de deusa dando à luz o Sol nascente (Museu do Cairo).

(Segundo GLORY)

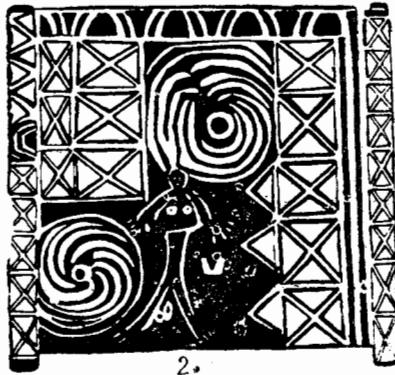


Fig. 13 — Escultura georgiana, em madeira.

(Segundo BARDAVELIDZE)

vura de folha de palmeira. Vemos ainda os círculos concêntricos num disco hitita, de osso, procedente da Anatólia, dispostos num emblema, da forma seguinte: os círculos entrecruzam-se formando uma espécie de roseta, e todo o conjunto é orlado por uma faixa de círculos entrelaçados (1); também existem num vaso de Chipre do 3.º milénio a. C. (2), com uma bossa saliente representando o umbigo (3).

Uma estela egípcia mostra uma deusa dando à luz o «Sol nascente» (? H. de S.) (Fig. 12): o seu útero está marcado sob a forma de círculos concêntricos (4), e é nesta imagem que, segundo CHRISTINGER (5), se poderia procurar o ponto de contacto entre o labirinto, o útero e o intestino a que atrás aludimos (vide p. 30). Podemos ainda citar círculos análogos existentes no Saará Central (6) e um ornato dos Georgianos do Cáucaso esculpido em madeira (Fig. 13) (7), onde se nota o pequeno círculo e a oval entre as pernas da mulher, e onde os restantes pormenores correspondem inteiramente ao simbolismo por nós apresentado.

Na civilização do vaso campaniforme da Ibéria, dois círculos concêntricos significavam por vezes o busto feminino (8); as rosáceas constituem uma variante (9), cuja presença em gravuras rupestres das Canárias já apontámos (10). Em Angola encontram-se círculos concêntricos em grande quantidade, em gravuras rupestres a sueste de Moçâmedes (Est. VIII, 1) (11); também, na montanha de Kola, a residência do *soba* estava cercada de três muros circulares concêntricos (12). Em África, a mais antiga presença conhecida de círculos concêntricos é-nos revelada na base de um recipiente de

(1) BOSSERT, *Altanatolien*, Est. 144:612.

(2) BOSSERT, *Altsyrien*, Est. 59:181.

(3) *Idem, ibidem*, Cf. Est. 60:187, 61, 68:15, onde os círculos estão combinados com uma bordadura de espirais.

(4) GLORY, p. 10, fig. 3.

(5) CHRISTINGER, p. 47.

(6) LOTHE, fig. 47.

(7) BARDAVELIDZE, Est. XXXII:2.

(8) LEISNER, II, Est. 88-A, 92.

(9) *Idem, ibid.*, Est. 95.

(10) DELGADO.

(11) BAUMANN, *Vorläufiger*, fig. 3; Est. II:4, 5.

(12) BAUMANN, *Die Frage*, p. 121.

madeira, do Tanganhica, no qual os círculos estão rodeados de semicírculos alongados (*Est.* X), formando este conjunto uma cruz, que faz lembrar os agrupamentos cruciformes do Monte da Saia (*Fig.* 11). Toda a superfície exterior desse vaso está ornamentada com uma decoração em «favo de mel», muito vulgar na Cultura do vaso campaniforme da Ibéria (1). O vaso do Tanganhica data de uma época posterior ao ano 850 a. C. (2). No país dos Wahis (Tanganhica) existem seis círculos concêntricos fazendo parte de uma pintura rupestre (3). Na Rodésia do Norte vemo-los igualmente representados em pinturas rupestres (4), e gravados num rochedo do vale do Luapula (5). Na Rodésia do Sul (6) constituem «um motivo frequente», que foi interpretado por E. GOODALL, aliás de modo pouco convincente, como representação de um *kraal* (*Est.* XI). Num monólito do norte do Transval, encontram-se, gravados em duas filas, cinco círculos concêntricos com mais quatro por baixo (7), parecendo apresentarem alguns deles uma rosácea no centro. Existem também gravados nas portas das habitações dos Vendas (8), decoradas igualmente com espirais, asnas (*chevrons*), triângulos, etc. (9), ou sejam símbolos análogos aos dos emolduramentos das portas procedentes do «castro» de Sabroso e da «cidade» de Âncora, do Museu de Guimarães. Na Rodésia do Sul uma placa de esteatito, que estava colocada numa plataforma de Zimbaué, no meio de um grupo de monólitos (10), mostra um desenho semelhante. Encontram-se igualmente cerca de 200, numa área de alguns quilómetros quadrados do distrito de Lydenburg (Transval) (11), e já atrás fizemos menção de gravuras rupestres da civilização megalítica encontradas em Oscarsberg (vide p. 38).

(1) LEISNER, II, *Est.* 6:65 s., 11, 16, 25:33, 35, 64, 152, 160.

(2) COLE, p. 241, 235, *Est.* 12-a, b.

(3) KOHL-LARSEN, *Felsmalereien*, p. 26, fig. p. 25.

(4) SUMMERS, *Rock Art*, *Est.* 181-b, 199.

(5) *Idem, ibidem*, p. 229 s., 239, a-d.

(6) Cf., por exemplo, SUMMERS, *Rock Art*, p. 147, *Est.* 90.

(7) STAYT, *Est.* VI, p. 7.

(8) *Idem*, *Est.* XVI.

(9) *Idem*, p. 55.

(10) BENT, p. 191, fig. p. 192.

(11) PYPER, p. 416; cf. FROBENIUS, *Est.* 23.

Relativamente aos círculos das Canárias, DELGADO (1) atribui-lhes a data do ano 1000 a. C. Afigura-se-nos plausível considerar da mesma época os petróglifos este-africanos. Ora ROSSITER (2) informa que, segundo «investigadores indianos» (não nos dizendo qual a sua fonte de informação!) uma «enorme migração de povos indianos» teria havido na África Oriental, cerca do ano 1000 a. C. Confessámos que toda esta cronologia é ainda muito problemática (3) mas, para a reconstrução da pré-história, parece-nos contudo imperativo fixar esses diversos movimentos, provavelmente contemporâneos. Com efeito BREUTZ (4) é já muito mais preciso nas suas indicações cronológicas — aliás contestáveis e contestadas, devido às suas simplificações —, datando as construções de pedra do oriente e sul da África entre 900 a. C. e 1300 da nossa era, acrescentando que tais construções são de origem neolítica, havendo sofrido a influência megalítica. Todavia, o Neolítico africano é geralmente datado entre 5500-500 a. C. (5). Seja como for, as influências asiáticas não constituem o problema menos complicado das relações culturais pré-históricas entre Portugal e a África!

Tatuagens do ventre feminino

Já no decorrer da análise do simbolismo da faixa de entrançados fizemos alusão à tatuagem do ventre (vide p. 24). Acrescentamos agora que a tatuagem do ventre de uma mulher Kuba, do Congo, (*Est.* XII), com suas quatro linhas partindo de dois losangos que lhe cercam o umbigo (6), pode comparar-se à decoração da «Pedra Formosa», e, por sua vez, esta pedra deve

(1) DELGADO, p. 450.

(2) ROSSITER, p. 99.

(3) Cf. também o Prof. R. A. DART, p. 25 s. e a sua teoria caucasiana da imigração, «não apenas alguns séculos a. C., mas um bom número de séculos antes».

(4) BREUTZ, pp. 157, 172.

(5) CLARK, p. 187; cf. ZWERNEMANN, p. 452.

(6) TORDAY, *Est.* p. 104.

ser incluída, sob o ponto de vista do seu aspecto simbólico e mitológico, no grupo dos ventres ornamentados.

É também instrutivo comparar essas tatuagens com a de uma «vasilha de forma idólatrica», encontrada em 1961 em Portugal, perto de Aljustrel (1), porquanto esse pequeno vaso (*Est.* XIII, 1) prova-nos que a tatuagem do ventre feminino estava em uso neste país, nos tempos pré-históricos. No respeitante à distribuição desta tatuagem figurada na cerâmica e noutros objectos, citaremos especialmente a obra de ÅBERG (2), os vasos da Cultura do companiforme na Ibéria (3), e uma decoração análoga em Malta (4). A objecção de que, nos casos sujeitos, se trata de vasos e não de ventres não tem fundamento visto que nas civilizações arcaicas existia uma manifesta relação ideológica entre a mulher e o vaso. Tatuagens semelhantes às acima indicadas, que ornamentam figurinhas femininas de barro de um culto da fertilidade, e decoram os fornos de fundição da Rodésia do Sul, bem como os ventres das mulheres sudetíopes (5), impedem-nos formalmente de interpretar o vaso de Aljustrel como uma representação «idólatrica». Por outro lado, os fornos da Rodésia copiando a forma do corpo feminino, tal como os da Lunda (6), dos Nngelas (7) e de outras tribos da bacia do Zambeze, bem como a posição social do ferreiro africano, lembram-nos uma notícia de LEITE DE VASCONCELOS (8) a respeito da ambivalência do ferro nas antigas crenças portuguesas.

Temas decorativos elementares

É evidente que a faixa de entrançados, a espiral egeia, o labirinto e os círculos concêntricos, emblemas estes que principalmente se destacam na arte decorativa

(1) *RG LXXI/1961*, pp. 250 ss., *Est.* III-V.

(2) ÅBERG, pp. 40-46, com várias figuras.

(3) LEISNER, II, *Est.* 13:44, 44a; 20:16, 16a; 64:2,3; 184:4; 149, gravados em osso.

(4) UGOLINI, p. 254, fig. 103.

(5) JENSEN, *Altvolker*, p. 355.

(6) HOLÝ, p. 376.

(7) REDINHA, p. 25.

(8) LEITE DE VASCONCELOS, II, p. 105 s.

que estamos analisando, evolucionaram provindo de outras formas mais antigas, algumas das quais nos propomos estudar seguidamente.

O ornato de «SSSS»

Uma das formas mais arcaicas da espiral é a ornamentação de SSS apresentada em diversas posições.

Na civilização dos «castros» encontra-se muitas vezes este ornato a decorar a cerâmica (1). L. SIRET considerou-o como não passando de «vulgares produções artísticas do provincialismo romano». Mas a verdade é que podemos igualmente compara-lo com a arte hitita, por exemplo, com o ornato dos relevos de Cerablus (2), que provavelmente datam do oitavo século a. C., e com o desenho de um vaso de Creta do começo do 2.º milénio (3). Inicialmente é provável que, de facto, não representasse mais que duas simples espirais (4). Aparece também este ornato de SSS representado na cerâmica de Tcherkesses (Cáucaso), do século IX-VIII a. C., encontrada em 1955 (5). Isto para nos limitarmos apenas a alguns exemplos.

É necessário comparar igualmente este ornato com as decorações da arte etrusca (6) e em especial com a escultura pré-histórica de uma deusa (*Est.* XIII, 2) encontrada num sepulcro de Filipópolis (Trácia), que apresenta no triângulo púbico um «S» alongado, interpretado por KERÉNYI (7) como sendo a representação de uma dupla espiral. De começo, este sinal simbolizaria a fecundidade, dada a sua analogia com o círculo.

Em Espanha, FERNANDEZ DE AVILÉS procedeu a estudos especiais relativos à decoração de «SSS» e ao

(1) Cf. por ex. CARDOZO, *Exploração arqueológica*, fig. 5; *Citânia*, p. 35, 47, *Est.* XXIX:1, XXXVIII:1; *RG*, LXXI/1961, fig. 7; CHILDE, fig. 4.

(2) BOSSERT, *Altanatolien*, *Est.* 219, 863 s.

(3) BOSSERT, *Altyrien*, p. 49, *Est.* 217:227.

(4) BOSSERT, *Altikretig*, *Est.* 211:365, cerca de 1800 a. C.

(5) GRAKOV-TERENOŽKINE, pp. 164, 173, 178.

(6) RIIS, fig. 36, 53, 54.

(7) KERÉNYI, *Labyrinth-Studien*, p. 51, fig. 12.

motivo da espiral. Encontram-se, por exemplo, os «SSS» esculpidos numa pedra branca conservada em Gerona (1). F. DE AVILÉS vê nesta decoração uma influência centro-europeia (2), parecendo-nos contudo necessário ampliar o âmbito das pesquisas comparativas ao Oriente e à África.

Na cerâmica antiga do Marrocos espanhol, encontram-se pintadas espirais, círculos com «umbigo», bem como séries de «SSS» idênticas às incisas na primitiva cerâmica de Portugal (3).

Do antigo Achanti procede uma jóia circular com aplicações de ouro, fundida a cera perdida, tendo no centro uma margarida rodeada de «SSS» entrelaçados (4), e no Tanganhica encontrou-se uma bela gravura de um «S» em cinco linhas (5).

Dúvida alguma pode subsistir de que as gravuras rupestres da África Oriental, quer se trate de espirais, labirintos ou círculos, tenham uma função ritual (6), na maior parte das vezes associada aos ritos de «passagem» (7). Conjecturamos que, tanto em Portugal como em Espanha, teriam a mesma função.

Parece-nos também interessante aludir, neste contexto, à decoração de «SSS» gravados em série, de linhas muito alongadas, (*strigiles*), em ~~os~~ sarcófagos paleocristãos da região mediterrânea ocidental (8). Verdade é que tais sarcófagos nada têm que ver directamente com este nosso estudo. Contudo, fazemos menção deles, porque representam uma ilustração impressionante do conservantismo na arte decorativa, que pode reproduzir motivos arcaicos, inclusivamente em objectos que na sua essência se harmonizam inteiramente com eles, sem que o artista suspeite sequer do simbolismo contido na decoração que escolheu.

(1) FERNANDEZ DE AVILÉS, p. 288.

(2) *Idem*, p. 291.

(3) TARRADELL, p. 85, fig. 9.

(4) RATTON, p. 146, Est. 50.

(5) KOHL-LARSEN, *Felsmalereien*, p. 78 s., Est. 29.

(6) Cf. COLE, p. 265.

(7) Cf. p. 25.

(8) *C IV CA*, Est. XXXIV, XXXVIII s.

A rosácea

Não julgamos necessário determo-nos sobre todas as diferentes manifestações deste emblema (1). DEONNA, num trabalho que CARDOZO cita, deu acerca da rosácea uma descrição completa. Ela é manifestamente um «motivo eterno», posto que não esteja representada nas civilizações mais arcaicas. Mas já se encontra em Ur, cerca de 2500 a. C., numa jóia de ouro em forma de folha vegetal (2), em sinetes da Síria antiga, entre os Hititas e no Egipto (3). No Próximo Oriente, a estrela, e possivelmente também a rosácea, era o símbolo de Istar (4), o que de novo nos conduz a ideia da fecundidade. Igualmente a rosácea aparece num cilindro de cerca do ano 850, na coroa de Marduk, que tinha uma cimeira de plumas, ou antes, em nossa opinião, de pequenos arbustos sagrados; a base da coroa está marginada de «SSS» em posição inversa, e do mesmo modo as mangas do vestuário do deus; todo esse vestuário está também coberto de estrelas e de margaridas dentro de círculos (5). Originariamente, Marduk parece ter sido uma espécie de deus-sol (6) e era ele também quem «dava vida aos mortos».

A combinação de um grande número de emblemas artísticos da civilização paleomediterrânea encontra-se, por sua vez, num vaso de Rodes do século 7.^o (7), contendo as figuras de Menelau e Heitor combatendo, no meio de espirais, margaridas, círculos, suásticas, etc., desenrolando-se toda esta cena em cima de uma faixa de entrelaços.

É interessante notar-se que uma rosácea dos Georgianos (8) corresponde à de Briteiros em todos os seus pormenores: trata-se de um objecto antigo de arte cul-

(1) Cf. CARDOZO, *Citânia*, p. 36, fig. 6:13; p. 37; Est. XXVI.

(2) ADAMS, p. 5.

(3) *Antiquity*, 37/145/1960, Est. V: o Rei Escorpião.

(4) JARITZ, p. 53.

(5) GASTER, p. 57.

(6) JARITZ, p. 72.

(7) *RG*, LXXIII, 1963, p. 10, fig. 8.

(8) BARDAVELIDZE, p. 54, Est. II a.

tual, contendo no meio a árvore da vida apoiada por dois leões com a cauda formando espiral, e com rosáceas, estando todo este conjunto orlado de «SSS» em série. Entre os Georgianos a rosácea era considerada emblema astral.

Já DEONNA assinalou a presença da estrela na arte norte-africana (1) e BAUMANN aponta um exemplar numa marca argelina de pão (2).

O trísceles

Um tipo relativamente raro do suástica é o trísceles (3). Numa grande estela funerária descoberta na Citânia em 1930, estão gravados dois (*Est.* XIV), cujos braços se encurvam em sentidos opostos. Estes trísceles, bem como outros idênticos gravados em várias pedras da Citânia e de vários «castros» (4), encontram-se quase sempre inscritos num círculo. Um terceiro, gravado na estela funerária da Citânia não foi acabado de insculpir. Segundo a opinião de M. CARDOZO, talvez com esse disco singelo se pretendesse representar a lua. Numa outra pedra da Citânia descoberta em 1959, estão gravados dois trísceles, um maior outro mais pequeno (*Est.* XV), na parte superior de uma faixa com quatro quadrados (5). Ainda numa outra, também reproduzida por L. DE VASCONCELOS, o trísceles está insculpido junto de outro signo, que M. CARDOZO comparou a uma «cruz românica» (*Est.* XVI, 1), ambos estes emblemas inscritos em círculos. CARDOZO admite que esta pedra, contendo juntos o trísceles e a cruz, pudesse ter pertencido à antiga ermida medieval que existiu no monte da Citânia, e exita portanto se deveremos considerar aquela cruz já como um símbolo cristão, ou como um remoto signo solar (6). BAU-

(1) DEONNA, p. 183:4. •

(2) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 142, fig. 13.

(3) L. DE VASCONCELOS, III, pp. 71-80, com bastantes figuras.


(4) CARDOZO, *Citânia*, p. 40.

(5) CARDOZO, *Citânia (Campanha arqueológica)*, RG LXIX/1959, p. 520, fig. 8.

(6) CARDOZO, *Citânia*, p. 40 s., *Est.* XX:3.

MANN chama «sudanesa» à cruz desse tipo (1). Parece-nos mais razoável incluir igualmente este emblema nas restantes gravuras pré-cristãs, atribuindo-lhe o mesmo valor que a estas, sem todavia pretendermos que o executor desse ornato soubesse distinguir em cada um dos símbolos o seu significado particular.

Não pomos em dúvida que a cruz desse tipo, associada ao trísceles, possa ser também uma cruz românica, mas devemos notar que o não é exclusivamente. Tanto assim que vemos, por exemplo, três «cruzes de Mântua», com a mesma forma desta de Briteiros, a ornamentarem um apoio de cabeça da Rodésia do Sul, ao mesmo tempo que a base deste objecto tem na sua parte central, em duplicado, quatro círculos concêntricos (2). É muito possível que, de início, esta cruz simbolizasse o sol (3). Também no Próximo Oriente são já conhecidas desde os tempos pré-históricos cruzes análogas, e o trísceles encontra-se documentado em vasos que datam do final da Idade do Bronze. O trísceles puro existiu também em Micenas (4).

O que mais nos convence de que o símbolo trísceles-cruz pertence a uma civilização pré-cristã é contudo uma outra consideração. LEITE DE VASCONCELOS reproduziu as gravuras de duas pedras uma das quais da Citânia (5) e outra de Monte Redondo (6). Ligamos a estas pedras um interesse muito especial, porque numa delas vemos um tetrásceles ao lado de um «X» (*Est.* XVI, 2), que podemos aproximar do emblema que se encontra dos dois lados da abertura, ou pequena porta da «Pedra Formosa», enquanto que a outra pedra contém, ao lado de um pentásceles a mesma gravura que se encontra insculpida dos dois lados do «umbigo» da mesma «Pedra Formosa», e que atrás identificámos como sendo um labirinto estilizado; ora o conjunto do pentásceles e labirinto —  — provávelmente também a gravura da outra destas duas pedras — parece-nos repre-

(1) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 61:123.

(2) BENT, p. 36.

(3) Cf. JARITZ, pp. 39, 47, 56, e os sinetes a pp. 45-48.

(4) GOBLET D'ALVIELLA, p. 14.

(5) L. DE VASCONCELOS, III, p. 73, fig. 32.

(6) *Idem, ibidem*, p. 75, fig. 37.

sentar o conceito religioso vida-morte-vitória da vida. É igualmente interessante reparar na indicação de L. DE VASCONCELOS (1) de que a maioria das pedras com gravuras reproduzidas nesse capítulo da sua obra «revelam influência pré-romana», incluindo o seu simbolismo na esfera religiosa, apoiado em WILSON, que já em 1896 tinha assinalado a presença destes símbolos no «Oriente clássico», na África e nos países do Mediterrâneo (2). LEITE DE VASCONCELOS chega à conclusão (3) de que tais símbolos eram gravados para protegerem os vivos e os mortos das influências dos espíritos malignos. É evidente que esta mesma interpretação se deve aplicar à pedra procedente da Citânia a que acima nos referimos. Note-se, finalmente, que todos os símbolos insculpidos naquelas duas pedras se encontram também nas duas grandes estelas funerárias da Citânia.

A pequena cruz simétrica

Na mesma classe do suástica, entre as suas diversas formas, podemos incluir a singela cruzeta simétrica, de braços rectilíneos iguais, inscrita num círculo, por vezes interpretada como «rodinha solar», posto que a sua origem seja absolutamente diferente.

Na Citânia encontrámo-la envolvida por uma circunferência (*Est.* XVI, 3), gravada numa pedra avulsa (4) e também na face interior da estela funerária descoberta em 1930. Ela desperta um particular interesse, apesar de se tratar de um dos mais singelos desenhos, e, como tal, «eterno», segundo o conceito de DEONNA. Note-se, desde já, que para os Mesopotâmios o mundo tinha a forma de um círculo ou disco. Os Hititas usavam-na nas suas insígnias de culto (5), onde a vemos combinada com uma cruz contendo uma série de ângulos rectos nos seus quadrantes (*Vide p.* 56). Em Espanha (*Espolla*)

(1) L. DE VASCONCELOS, p. 77.

(2) *Idem, ibidem*, p. 78.

(3) *Idem, ibidem*, p. 80.

(4) CARDOZO, *Citânia*, p. 41, *Est.* XXII:3.

(5) AKURGAL, *Est.* 7:2.

foi encontrada esta cruzeta gravada em rochedos juntamente com outros sinais (*Est.* VIII, 2). Igual é a cruz em relevo de um monumento de origem incerta atribuído a Mithra (1), no qual figura ao lado de um galo e de uma outra cruz encimada por um crescente. Também um relevo com a pequena cruz de braços simétricos aparece como decoração do *mibrab* de uma mesquita em ruínas de Ndumi, na costa oriental africana, em frente à Ilha de Pemba, considerado de sentido enigmático por FREEMAN-GRENVILLE (2). A comparação com outros *mibrabes* (3) mostra-nos que a rosácea, os círculos concêntricos ou os círculos entrelaçados, e inclusivamente a cruz simétrica inscrita num círculo — símbolos todos análogos — constituem um fenómeno de ordem geral na decoração do *mibrab* mussulmano.

Na Rodésia do Sul, foi encontrado n'uma mina dos tempos pré-históricos e pré-Bantos (distrito de Mazoe), a uns 9 a 10 metros de profundidade, um vaso ornamentado de nove relevos (número sagrado!) (Cf. p. 23) com a cruz simétrica (4), provavelmente procedente dos Árabes da época pré-mussulmana (5). Esta mesma cruz vê-se igualmente numa pintura rupestre das montanhas de Matopo, cujos pormenores oferecem, segundo FROBENIUS (6), interessantes paralelos dos desenhos do Neolítico europeu; também nos aparece num petróglifo de Tchikoní Manu (Moçambique), copiado em 1910 por STAUDINGER (7).

Desde o século XIII que esta cruz tem na Síria o valor de um «t» (8). No alfabeto etrusco arcaico ⊗ significa «th» (9), e no ibérico provavelmente «tu» (10).

(1) CUMONT, *Monuments* II, p. 434.

(2) FREEMAN-GRENVILLE, p. 181.

(3) *Enzyklopaedie des Islam*, III, s. v. «*mibrab*», fig. 2, 4, 5, 7.

(4) GOODALL, pp. 36-38.

(5) Cf. BENT, p. 288 s.

(6) FROBENIUS, *Madsimu Dsangara* I, p. 12; *Erythraä*, *Est.* 42.

(7) STAUDINGER, p. 141.

(8) BOSSERT, *Altsyrien*, p. 63 s.; cf. também p. 66.

(9) MAYANI, p. 430.

(10) GARCIA Y BELLIDO, *Peninsula*, p. 78.

Na Anatólia encontramos-la numa inscrição cária (1) e na Anatólia central, cercada de raios alados (2), simboliza, entre os Hititas, o sol e a realeza (3). Na escrita linear B de Creta, representa a sílaba «ka» (4). Nas Ilhas Canárias aparece muitas vezes nas inscrições rupes-tres rodeada ou não pela circunferência (5) (Figs. 6 e 7:2). Já também a havíamos notado no petroglifo de Espolla (Vide p. 54 s. e *Est.* VIII, 2).

Na Serra Leoa, entre os Mendés, equivale a «pi» (6), e, entre os Akans (Achantis) da África Ocidental, o deus bi-sexual supremo, Nyame, tem, segundo EVA MEYEROWITZ, como Lua, o símbolo «X» e, como Sol, a cruz «+». Entre os mesmos Akans a espiral é o ornato da Mãe-Lua, enquanto que a cruz inscrita num círculo pertence ao Rei-Sol (7). Supomos ter demonstrado que BAUMANN tem razão na sua hipótese de estarmos na presença de elementos paleomediterrâneos (8).

A cruz com ângulos nos quadrantes

Já chamámos a atenção para a pequena cruz com uma série de ângulos rectos dispostos nos seus quadrantes (vide p. 54). Encontra-se também na Espanha (Toledo) ornamentando o fundo de vasos de barro eneolíticos (9); muito frequente nos sinetes arcaicos do Próximo Oriente (10), é igualmente conhecida em África, na Somália por exemplo (11).

-
- (1) BOSSERT, *Altanatolien*, Est. 39:221.
 (2) *Idem, ibidem*, Est. 66:318.
 (3) AKURGAL, p. 40 s.
 (4) RISCH, p. 149.
 (5) WÖLFEL, *Kanarische*, p. 243; *Zeugnisse*, p. 273.
 (6) BAUMANN-THURNWALD, *Völkerkunde*, p. 377 e 380.
 (7) BAUMANN, *Das doppelte*, p. 204 s.
 (8) *Idem, ibidem*, p. 200.
 (9) ÅBERG, figs. 291, 292, 323.
 (10) v. d. OSTEN, *Altorientalische*, pp. 132, 135, figs. p. 61:1-4, Est. 35, 36.
 (11) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 61:102.

Marcas de pés

As observações que temos feito no decorrer desta investigação respeitantes aos diferentes símbolos que se repetem na civilização mediterrânea, na Península Ibérica e em África, leva-nos a concluir esta parte do nosso estudo com uma notícia sobre marcas de pés, que em alguns casos se encontram em combinação com o labirinto (1). Por vezes esta marca aparece isolada na superfície de uma rocha (2). É um dos símbolos solares e da fecundidade. BAUMANN atribui as representações da mão, no Sudão central, a relações paleomediterrâneas (3). As dos pés serão da mesma origem.

Em Portugal encontram-se marcas desta natureza na cultura do vaso campaniforme. Em África estão tão espalhadas que se ignora qual seja exactamente o seu simbolismo. Limitar-nos-emos portanto a citar os seguintes casos: marcas de mãos num rochedo do Saará central (4); em Angola os Mbundos mostram, as pègadas do personagem mitológico chamado *Feti* e do seu cão junto da laguna do rio Cunene, onde ele conseguiu as suas duas mulheres (5). Os Nyais da Rodésia do Sul atribuem as marcas de pés ao tempo primitivo, quando os primeiros homens saíam do «buraco» (isto é, do útero) de *Muari*, a grande deusa-mãe bi-sexual, e quando os rochedos eram ainda moles (6). Na Rodésia do Norte, os Lambas conservam um mito análogo (7), que igualmente vamos encontrar na Uganda (8) e entre os Núbios (9). Note-se que, em todos estes casos, se trata da criação do homem, ou da procriação, tema este perfei-

(1) CHRISTINGER, pp. 57, 59, fig. 10.

(2) *Idem, ibidem*, fig. 9.

(3) BAUMANN, *Peuples*, p. 357.

(4) LHOÏE, fig. 79.

(5) CHILDS, p. 174 s.

(6) JUNOD, II, p. 348 nota.

(7) DOKE, p. 277.

(8) STANLEY, I, p. 349.

(9) TEGNAEUS, p. 117.

tamente concordante com os resultados das nossas investigações.

CLARK considera as insculpturas rupestres de pés, encontradas na Becuanalândia e no Sudoeste da África, feitas pelos Bochimanes do Neolítico africano.

As Divindades

Neste nosso estudo analítico, por diversas vezes temos posto em destaque a ligação existente entre a expressão artística e os símbolos, o culto e a vida religiosa em geral, tal como ela se evidencia na civilização paleomediterrânea, na sua forma portuguesa da civilização pré-céltica (1) e igualmente nos seus vestígios africanos. Este aspecto religioso não deve surpreender-nos, porque para o homem dessas remotas idades o próprio conjunto da vida constituía toda a esfera da sua religião. As duas noções confundiam-se.

Nesta última parte da nossa investigação propomos mostrar mais alguns paralelos entre as civilizações mencionadas, ligados aos domínios da religião.

Estatuetas com os braços erguidos

LEITE DE VASCONCELOS assinalou a existência em Portugal e noutros países (França, Itália) de estranhas estatuetas masculinas com os braços levantados (2). Encontram-se analogias no Marrocos espanhol (3), no «complexo da argila» dos vestígios da civilização paleomediterrânea a norte do Togo (4), e na «provincia oriental atlântica» (5).

(1) CARDOZO, *Algunas observaciones*, p. 347 s.

(2) L. DE VASCONCELOS, III, p. 68 s.

(3) TARRADELL, p. 86, Est. IV, 12. Peça de bronze.

(4) BAUMANN, *Kunstgewerbe*, p. 148.

(5) BAUMANN, *Peuples*, p. 365.

Ídolos cilíndricos em forma de bastão

Em Portugal têm sido encontrados, nas sepulturas da Cultura do vaso campaniforme, ídolos cilíndricos com a forma de pequenos bastões, de osso e de pedra. Algumas destas peças, de procedência espanhola, apresentam a indicação de um rudimento de cabeça; outras têm a cabeça formada pelo adelgaçamento de uma das extremidades da pedra (1). Por vezes um «cilindro» desta natureza aparece colocado quase junto à cabeça de cada corpo (2).

Uma estatueta antiga de um antepassado, com cabeça esférica, dos Bijogós da Guiné Portuguesa (3), pode comparar-se a uma «máscara» dos Mossi-Yatengas (4). Entre os povos da Lunda, na parte oriental de Angola, as mulheres sem filhos fazem uso de uma escultura análoga (5). O carácter fálico (antepassado-vida) destas esculturas é evidente. Os Quiocos de Angola possuem postes de madeira esculpidos, que representam os guardas do povoado, e a este mesmo grupo pertencerão provavelmente as representações humanas das pinturas rupestres do Tanganhica (6).

O culto dos antepassados

No começo deste trabalho dissemos que EFR. ANDERSSON via nas cabeças bifrontes e nas estatuetas femininas de pedra da África Ocidental elementos de influência mediterrânea (Vide p. 12). Também, por nossa vez, tivemos ocasião de verificar que a característica mais acentuada da religião das populações castrejas era a do culto dos antepassados. Ora, parece-

(1) LEISNER I, pp. 483-5.

(2) *Idem, ibidem*, p. 484.

(3) BERNATZIK, p. 117:104.

(4) BAUMANN, *Peuples*, p. 422, fig. 355.

(5) *Idem, ibidem*, p. 169, fig. 91.

(6) KOHL-LARSEN, *Felsmalereien*, Est. XIV b.

-nos que, no caso, das cabeças do Janus bifronte e das estatuetas femininas africanas, é necessário ter em consideração a possibilidade de elas andarem igualmente ligadas ao culto dos antepassados (1), mais antigo que o das grandes deusas mediterrâneas, e portanto, sob o ponto de vista religioso, anterior a elas. Foi principalmente o Prof. russo D. OLDEROGGE (2) quem insistiu neste ponto.

Um exemplar instrutivo das representações de significado ancestral é o *menhir* adquirido em 1910 junto da margem do rio de Cross, na Nigéria (*Est.* XIX), que actualmente se conserva no Museu de Etnologia de Berlim (3). Foi reproduzido por BAUMANN (4) e por ele considerado de influência mediterrânea (5). BAUMANN chama também a atenção (6) para os toucados em forma de bico de algumas cabeças femininas de bronze, procedentes de Benim e datadas entre 1575 e 1648. Destas poderíamos aproximar o que, a meu ver, representa igualmente uma cabeça de pedra, encontrada na Guiné Portuguesa (7) cerca do ano de 1950, num conjunto de fragmentos de vasos, alguns dos quais (8) apresentam uma semelhança flagrante com outros provenientes de Ifé (Nigéria do Sul), ornamentados com impressões de grãos de espiga de milho, o que permite datar uns e outros de cerca do ano 1500 da nossa era, visto o milho ter sido importado pela Guiné à volta dessa época, procedente da América, por via portuguesa (9). Um fragmento da colecção da Guiné Portuguesa (*Est.* XVII, 1) (10) mostra impressões análogas às de um outro do Museu de Amarante (Portugal), encontrado nos arredores dessa vila (*Est.* XVII, 2).

(1) Cf. SÖDERBERG, pp. 107 ss.

(2) D. OLDEROGGE, *Estatueta*, p. 244.

(3) III C23943.

(4) BAUMANN, *Völkerkunde*, Est. XXXII.

(5) BAUMANN, *Peuples*, p. 86.

(6) *Idem, ibidem*, p. 351.

(7) AMILCAR MATEUS, p. 462, fig. 7:2.

(8) *Idem*, fig. 10.

(9) *Man*, LXIII/1963, p. 118, fig. 2 e 5.

(10) A. MATEUS, Est. 9, última linha, n.º 4.

A cabeça de pedra da Guiné, a que atrás aludimos, afigura-se-nos apresentar os mesmos traços característicos do *menhir* do rio de Cross: cabeça aguçada, boca beijuda. A. MATEUS atribuiu-a ao «Neolítico guineense», acrescentando todavia que se trata de uma «designação provisória» (1).

A comparação do *menhir* nigeriano com o «ídolo fálico» encontrado num monte não distante de Guimarães (*Est.* XVIII), escultura de que ainda não foi possível fixar a cronologia (2), oferece igualmente interessantes semelhanças, sobretudo no respeitante à forma das mãos, do queixo e da parte sexual. Note-se de passagem que esta estátua apresenta de cada lado do tronco uma cruz em relevo (3).

Sob o ponto de vista morfológico deveremos provavelmente integrar ainda no mesmo grupo uma cabeça de terra-cota encontrada em 1944 no vale do Nok, a sul do Lago Tchad. No seu *occiput*, o «penteadado» é parecido com o do *menhir*, e o queixo, ou melhor, o mento aproxima-se igualmente do representado no *menhir*. Data de cerca do ano 500 a. C. (4).

Qual o sexo da escultura do *menhir* e da estátua do Museu de Guimarães? Em nenhuma delas se vêem marcados os seios, aliás a estátua tem os braços cruzados sobre o peito. Parece portanto que ambas representam homens. M. CARDOZO é decisivo nesta opinião. Inclusive indica que o membro viril do ídolo se encontra mutilado. Quanto ao *menhir* nigeriano (*Est.* XIX), o Dr. K. KRIEGER, Director do Museu Etnográfico de Berlim, escreveu-nos dizendo que, em sua opinião, existem indícios do sexo masculino, com o que estamos de acordo.

Seja-nos todavia permitido observar que, nos cilindros siro-hititas, (5) a deusa nua babilónica da fecundidade também está gravada sem os seios (*Fig.* 1), com

(1) A. MATEUS, p. 469.

(2) Tem o n.º 94 no Catálogo do Museu Arqueológico de Guimarães.

(3) Informação de M. CARDOZO.

(4) FAGG, fig. 10, p. 93.

(5) CONTENAU, *Désse*, fig. 8, 13, 86, 89, 93, etc.

as mãos cruzadas no peito (1), figurando por vezes nesses cilindros, junto da deusa, a faixa de três ou quatro tranças (2); que as *mbongas*, sacerdotisas da divindade Muari (Rodésia do Sul), também não têm seios; finalmente, que a extraordinária pintura rupestre de uma gruta do Natal, perto da fronteira da Bazutulândia, representa um ser humano, com arco e flechas, símbolos da potência geradora (3), o que poderia induzir-nos à suposição de se tratar de um homem, tanto mais que as suas partes genitais podem ser interpretadas como masculinas (*Est.* xx); contudo, o seu ventre inchado, a posição das pernas abertas e principalmente, ao centro e abaixo das partes genitais, a indicação de um «umbigo» inscrito num círculo, confirmam, fora de dúvida, que a pintura representa uma mulher grávida na ocasião do parto (4).

Difícilmente se foge à impressão de que esta pintura representa, de facto, uma divindade, ou um antepassado bi-sexual, conceito muito espalhado em África, semelhante ao das grandes deusas mediterrâneas e do Próximo Oriente, designadamente de Ištar-Astarteia, a notável deusa do amor e da guerra, que por vezes aparece figurada com barba (tal como a Ateneia de Chipre).

Igual interesse apresenta a fotografia de uma rapariga, incluída na História de Gabú (5), cujo toucado corresponde ao de uma máscara do culto dos antepassados dos Yorubas (6). Além disso, os Quiocos do Nordeste de Angola ostentam figurinhas com barba que representam mães-antepassadas, e máscaras femininas barbadas (7).

Há portanto toda a razão para se esperar que nas religiões arcaicas de Portugal, cuja civilização está impregnada de influências mediterrâneas, se encontre não somente um grande número de símbolos da fecundidade,

(1) CONTENAU, *Déesse*, pp. 38 ss.

(2) *Idem, ibidem*, pp. 89-93.

(3) Vide referências em SICARD, *Ngoma*, p. 127.

(4) WILLCOX, *Est.* 39.

(5) CAROÇO, *Est.* 208.

(6) BAUMANN, *Völkerkunde*, *Est.* XXX:3.

(7) BAUMANN, *Der kultische*, p. 22.

como ainda certo paralelismo correspondente à divindade bi-sexual paleomediterrânea e às imagens que a representam, isto combinado com o culto dos mortos, ou seja — com o culto dos antepassados.

Vestígios deste culto podem encontrar-se desde a época da Cultura do vaso campaniforme, prolongando-se através da Idade do Bronze e até mesmo até à do Ferro (1). Inclusive o costume de dormir ao pé dos túmulos megalíticos ainda na Idade Média se praticava na Península Ibérica, e, semelhantemente, no Norte africano e na África negra, bem como na Síria-Palestina, onde se dormia junto dos túmulos dos antepassados (2).

Em Portugal penetraram cultos orientais numa época remota, muito anterior à grega e à romana. O culto fálico, por exemplo, perde-se em Portugal «na noite dos tempos» (3), tal como acontece em África. A preferência que o povo português tem pela cor vermelha (4) é mais uma prova da importância que ele consagra à mulher, porque a cor do sangue é justamente a da mulher, enquanto que a do homem é a cor branca, do sêmen. Todo o africano está compenetrado deste simbolismo. É natural, por consequência, que não consideremos suficientemente convincentes as teorias que põem em primeiro lugar o panteão masculino da população arcaica portuguesa. A expressão «cherchez la femme» estende-se, no caso presente, inclusive à esfera religiosa.

Ora nós supomos ter encontrado a mulher na religião, pelo menos no caso seguinte: *Atégina*, ou *Ataecina* foi a deusa mais venerada até os tempos romanos (5). Os Romanos identificaram-na com Prosérpina, a Perséfone dos Gregos. Era a deusa da terra e da fertilidade, do eterno renascimento (6), dos infernos e, em consequência do sincretismo dos tempos, também da

(1) Cf. WÖLFEL, *Religion*, p. 227.

(2) *Idem*, *ibidem*.

(3) J. DE PINHO, p. 1.

(4) *Idem*, *ibidem*.

(5) L. DE VASCONCELOS, II, pp. 146-175; TOVAR e NAVAS-CUÉS, p. 181.

(6) L. DE VASCONCELOS, II, p. 163.

medicina (1). A origem do seu nome ainda não está averiguada (2). É possível, porém, que o nome da deusa mudasse, e a essência do seu culto se mantivesse sempre a mesma. Ora é justamente esta essência constante que nos interessa, esta ligação ctónica da fertilidade, da vida e da morte. Encontramo-nos agora na proximidade do casal de serpentes (3). Na sua infância, Perséfone era guardada por duas serpentes, e é importante notar-se que o seu nome é pré-grego, datando de uma época anterior a 1900 a. C. (4).

Em hitita, *genu* significa joelho e também os órgãos genitais (5); a cabrinha do culto de Atégina, colocada sobre dois ou quatro ramos de uma árvore (*Est.* XXI, 1) (6), ou sem qualquer base de apoio e com o corpo ornamentado de círculos (*Est.* XXI, 2) (7), encontra exemplares análogos entre as insígnias cultuais do país Hatti, da Idade do Bronze (*Est.* XXII), de 2500-2000 a. C. (8), a que já aludimos (Vide p. 43). Sem a menor hesitação, concordamos com a opinião de L. DE VASCONCELOS quanto à sua afirmativa de que a haste vertical que se encontra no dorso da cabrinha da sua fig. 54 serviria para aí fixar uma estatueta humana, porque entre os Hititas (9) e em todo o Próximo Oriente tal motivo era muito usado, como igualmente o encontramos numa gravura rupestre neolítica do Saará (10). Também os Hititas usavam a representação de veados ou de carneiros, desfilando em séries de três ou quatro, com outro animal (leão?) a fechar o cortejo. Em Portugal o último animal era o porco, ou javali sagrado (11). Infelizmente, desconhecemos ainda o fundo religioso das insígnias do Hatti, parecendo-nos provável terem relação com a

(1) L. DE VASCONCELOS, II, p. 168.

(2) TOVAR, p. 187.

(3) Cf. *Zeus e Demeter*, KERÉNYI, *Mythologie*, p. 113 s.

(4) SCHACHERMEYR, p. 123.

(5) Quanto à etimologia desta palavra cf. de SICARD, *Karanga-Märchen*, I, p. 324:2.

(6) L. DE VASCONCELOS, II, fig. 33-36.

(7) *Id.*, *ibid.*, fig. 55, p. 284.

(8) AKURGAL, *Est.* 1-6.

(9) *Idem*, *Est.* 47:2.

(10) BONESNARD e MAUNY, *Est.* II, 19.

(11) L. DE VASCONCELOS, II, fig. 59, 60, p. 290.

deusa indígena da fertilidade. No nosso opúsculo *Ngoma lungundu* (1), referimo-nos à expansão de diversas características da deusa Ištar (Astarteia) na África Oriental. Ištar era igualmente a deusa dos Hititas, e DANMANVILLE (2) tinha razão ao acentuar que atrás do nome de Ištar «sans doute trouve-t-on des divinités locales antérieures, dont la nature pouvait s'apparenter à celle de la grande déesse babylonienne aux aspects si divers». Ištar era a deusa da fertilidade, do amor e dos infernos, como Astarteia era também a da guerra. O seu símbolo era uma estrela. Pertencia à esfera da bi-sexualidade.

Finalmente, recordemos que *Atargatis*, a *Atarate* arameana e a *Dérceto* grega, cujo culto se expandiu para ocidente desde o século VI a. C., pertencia também ao grupo das deusas-mães bisexuadas (3). Consideramos admissível a possibilidade de uma relação entre esta deusa e a *Atégina* portuguesa, não apenas sob o ponto de vista ideológico, mas também etimológico.

Lélo

Os Bascos conservam a seguinte canção, muito antiga:

«Lélo, está morto, Lélo.
Lélo, está morto, Lélo,
O Lélo, por Zara (Zarak)
Morreu, Lélo». (4)

Para eles, *Lélo* é portanto um deus e não uma deusa. Representa a divindade do raio, do trovão e da lua. KARST afirma que esta divindade é uma «importação sudibérica, subetiópica» (5), ou seja, nilótica, enquanto que *Zara*,

(1) de SICARD, *Ngoma lungundu*, p. 127 s.

(2) DANMANVILLE, p. 39.

(3) BAUMANN. *Das doppelte*, p. 168 s.

(4) KARST, *Grundsteine*, p. 100 s.

(5) KARST, *Atlantis*, p. 23.

em sua opinião, é de origem cuchita. Em etíope, aquela palavra significa deus ou alma, espírito. KARST informa-nos também que os Tcherkesses (Cáucaso), nas suas danças culturais em honra da divindade do raio, gritam sem cessar:

«Yélé! Ó Yélé!»

LAVROV cita a mesma palavra da seguinte forma: «É-llé» e «Ó-éllé» (1), com a qual nós confrontamos o *Yalla* dos Tuaregues, que, segundo julgamos, não deve confundir-se com *Allab* (2). Teríamos de ir muito longe se pretendêssemos expor, neste ensaio, toda a matéria que temos à nossa disposição para demonstrar que tanto *Lélo* como *Zara* ora aparecem como masculinos, ora como femininos, em todas as suas variantes. Limitamo-nos portanto a indicar que, segundo uma antiga lenda judaica no alfabeto de Ben Sira, a primeira mulher que Deus entregou a Adão era o espírito do vento, *Lilith* (3); que a rainha de Sabá aparece uma vez com o nome de *Lilith* (4), e que no Egipto volta a encontrar-se a deusa *Lilith* (5). Ela é acusada de molestar as mulheres durante o parto e de matar os recém-nascidos (6). Os Assírios veneravam o casal divino, *Lilú* e *Lilitú*. *Lilú* é o Senhor da tempestade, nome cujo tema se encontra no sumério *lil*, que significa o vento. Entre os Babilóneos *Lilú* ou *Lillú* era um demónio da luxúria que seduzia as mulheres durante o sono. Na demonologia judaica e cristã, *Alú* e *Gallú* aparecem geralmente como variantes de *Lilú*, as quais novamente nos conduzem a *Zara*. Ora *zal-* e *gal-* é invariavelmente o tema da rapariga e da mulher (excepcionalmente, do jovem casado) na Índia, no Cáucaso, em África.

Na África, no Alto-Zambeze, *Na-si-lélé* é a mulher do deus *Nyambe* (*Na-* e *-si-* são prefixos), sendo ao

(1) LAVROV, pp. 217, 219.

(2) ZWERNEMANN, p. 441:19; de SICARD, *Ngoma*, p. 114:-5.

(3) GINZBERG, I, p. 65; cf. *Esaie* 34:14.

(4) *Idem*, II, p. 233.

(5) *Idem*, V, 87.

(6) *Mythologie of All Races*, V, p. 362 s.

mesmo tempo a⁴Lua, e, neste último caso, ela chama-se *Lélo* (1). Finalmente, no Tanganhica, *Mu-lil-ua* é uma espécie de demiurgo dos Tindigas (2), e os Kinirambas do mesmo país conhecem um conto da criança *M-lil-ua* (3), que segundo todas as aparências emanou da mesma fonte que *Mulilua*.

Os exemplos apresentados levam-nos a crer que a divindade *Lélo* pode ser considerada como um dos mais antigos laços entre a Península Ibérica e a África, e ocorre então perguntar: não se terá conservado, em Portugal, este nome sob uma forma qualquer, entre as camadas populares do norte do país?

Bandua

TOVAR e NAVASCUÉS organizaram uma extensa lista de nomes de divindades do Ocidente da Península (4). A sua comparação com os nomes dos deuses líbios e berberes compilados por WÖLFEL (5) não deu qualquer resultado positivo, no respeitante a uma semelhança com os nomes das divindades africanas. Por outro lado, somos tentados a aproximar o *Neto*, *Neton* ibérico do nome *Neith* da deusa líbia da caça, da guerra e dos túmulos. Ela é considerada como deusa que «faculta o acesso aos caminhos», do mesmo modo que, na mitologia suméria, *Neti* é o guarda da porta dos infernos (note-se aqui de novo a ambivalência sexual!). Já também MACROBIUS comparou *Neto* ao Marte romano (6).

O único nome que nos parece suspeito de qualquer ligação com a África é o de *Bandius*, *Bandua*, *Bandue*, etc. (7), porque o encontramos sob a forma *Bandua*,

(1) JACOTTET, p. 105.

(2) KOHL-LARSEN, *Elefantenspiel*, p. 30 s.

(3) JOHNSON, pp. 341 ss.

(4) TOVAR e NAVASCUÉS, pp. 181 ss.

(5) WÖLFEL, *Gottesnamen*.

(6) L. DE VASCONCELOS, II, p. 308.

(7) TOVAR e NAVASCUÉS, p. 181, cf. p. 190; L. DE VASCONCELOS, II, p. 317 s., 321, 337, 341.

M-bandua, *M-banda*, etc., numa grande parte da África, desde Angola ao Tanganhica (1) e sempre os Mbanduas se encontram ligados directamente ao culto, à posse, aos antepassados. L. DE VASCONCELOS considera o tema *band-* como céltico (2), com o significado de mandar, proibir, e nada teríamos a objectar quanto a esta interpretação, caso se pudesse provar que, na realidade, se trata de um nome céltico. Os nossos estudos africanos levam-nos a preferir uma conjectura pré-céltica.

Conclusões

As possibilidades de aproximações, de paralelos e até da própria identidade, na esfera cultural e religiosa, entre o Portugal pré- e proto-histórico de um lado, e a África do outro, são inexgotáveis. A cada passo se encontram novas provas e se fazem descobertas inesperadas. Abrem-se perspectivas inauditas! A época romana começa como que a converter-se numa parte da história «medieval». Todo o nosso conceito da História está em vias de transformar-se, graças à incorporação da África no horizonte das investigações actuais!

Não foi propósito nosso apresentarmos aqui uma exposição comparativa total. Tivemos de limitar-nos a umas tantas indicações, mais ou menos vagas, deixando de lado um bom número de factos que sem dúvida será para desejar se tenham em consideração em futuros estudos comparados.

Estamos convencidos de que os resultados a que chegámos não são simplesmente fruto de meras semelhanças acidentais, mas sim derivados de uma expansão da civilização paleomediterrânea em Portugal e em África, por meio de antigas migrações, algumas delas conhecidas, outras que a arqueologia, a linguística, etc., nos permitem reconstituir, aliás com toda a reserva quanto

(1) de SICARD, *Ribas Óscar*, p. 629 s., com um estudo sobre a etimologia da palavra.

(2) L. DE VASCONCELOS, II, p. 317.

aos resultados a que nos possam conduzir novas investigações, pesquisas e comparações.

Estamos, evidentemente, convictos de que uma grande parte dos elementos constitutivos da civilização paleomediterrânea, que citamos neste estudo, têm um carácter de universalidade, apresentando assim, de certo modo, aspectos eternos, razão pela qual não é lícito deduzir, da presença isolada deste ou daquele elemento em países diferentes, que a sua expansão tivesse partido de um determinado centro comum a todos eles. Tão pouco pretendemos construir uma sucessão cronológica partindo do aparecimento dos elementos culturais examinados em cada país. Reconhecemos que existem possibilidades ilimitadas de difusão, de mestiçagem, de origem local, de desenvolvimento, de selecção e de rejeição, de simples coincidências, de olvido, parcial ou total, de uma característica específica ou do significado de um símbolo.

Contudo, apesar destas reservas, resta sempre um grande número de elementos que mais facilmente encontram explicação considerados de uma origem comum. É neste conjunto dos mesmos elementos verificados no Próximo Oriente, em Portugal e em África (não de elementos isolados, repetimos, mas como parte integrante de um todo da mesma civilização) que nos parece residir a prova concludente de uma relação cultural muito nítida entre Portugal e a África. A origem comum de tais elementos encontra-se, incontestavelmente, na grande civilização paleomediterrânea, notavelmente conservadora.

É evidente que essa civilização não excluiu quaisquer influências secundárias directas, possivelmente recíprocas, entre Portugal e o continente africano, através das ilhas atlânticas e da Guiné, e parece-nos inclusivamente provável que se possam vir a encontrar, nos níveis inferiores da civilização africana, elementos com o auxílio dos quais se venham a interpretar e a esclarecer certas características ainda enigmáticas da civilização pré-histórica portuguesa.

Agradecimentos. Aproveito esta oportunidade para exprimir o meu sincero reconhecimento ao meu amigo Coronel MÁRIO CARDOZO, que me incitou a escrever

este estudo e o quiz verter para português, fornecendo-me indicações preciosas. Desejo também agradecer ao «Centro de Estudos da Guiné Portuguesa» os livros que me foram enviados. Igualmente devo o meu vivo agradecimento à Dr.^a HILDEGARD KLEIN, do «Instituto Frobenius», de Frankfurt, e ao Dr. KURT KRIEGER, Director do Museu de Etnografia de Berlim, pelo auxílio que me prestaram. Finalmente, vai também o meu reconhecimento para os Srs. Bibliotecários e restante pessoal da Biblioteca Universitária de Upsal, que incansavelmente me atenderam com toda a benevolência.

BIBLIOGRAFIA

ABREVIATURAS

- A — *Anthropos*
C IV CA — *Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste español, (Elche 1948)*. Cartagena 1949.
C XXV CO — *Chronique du XXV Congrès International des Orientalistes (Moscou 1960)*. Moscou 1963.
NADA — *Native Affairs Dept. Annual*, Salisbury, Southern Rhodesia.
P — *Paideuma*
RG — *Revista de Guimarães*
SEU — *Studia Ethnographica Upsaliensia*.
-

- ÅBERG, N.: *La civilisation néolithique dans la Péninsule Ibérique*. Uppsala 1921.
ADAM, L.: *Primitive Art*. Pelican Books. A67/1949.
ADAMS, R. M.: «The origin of Cities». *Scientific American*, Sept. 1960. Reprint.
AKURGAL, E.: *Die Kunst der Hetbiter*. München 1961.
ANDERSSON, Efr.: *Contribution à l'Ethnographie des Kuta*. SEU 6. Uppsala 1953.
BARDAVELIDZE.: *As antigas crenças e a arte gráfica cultural dos povos georgianos*. Tbilisi, 1957 (em russo).
BAUMANN, H.: «Das afrikanische Kunstgewerbe». *Geschichte des Kunstgewerbes*, II, pp. 51-148. Herausgeg. von H. Th. BOSERT, Berlin, 1929.
— *Schöpfung und Urzeit des Menschen im Leben der afrikanischen Völker*. Berlin 1936.
— «Der kultische Geschlechtswandel bei Naturvölkern». *Zeitschrift für Sexualforschung*, 3-4/1950, pp. 1-38.
— «Vorläufiger Bericht über neue Felsbilderfunde in Süd-Angola». *P* 6/1954-58, pp. 41-45.
— *Das doppelte Geschlecht*. Berlin, 1955.
— «Die Frage der Steinbauten und Steingräber in Angola». *P/VI*, 1956, pp. 118-151.

- BAUMANN-THURNWALD-WESTERMANN: *Völkerkunde von Afrikas* Essen 1940.
- BAUMANN, H. e WESTERMANN, D.: *Les peuples et les civilisation. de l'Afrique*. Paris 1948.
- BENT, Th.: *The Ruined Cities of Mashonaland*. London 1893.
- BERNATZIK, H.: *Im Reich der Bidyogo*. Innsbruck 1944.
- BERTHELOT, A.: *L'Afrique sabarienne et soudanaise, ce qu'en ont connu les anciens*. Paris 1927.
- BONESNARD, L. e MAUNY, R.: «Gravures rupestres et sites néolithiques des abords est de l'Air». *Bulletin de l'Institut français d'Afrique noire*. Série B, *Sciences humaines*, XXIV/1962, pp. 1-11. Dakar.
- BOSSERT, H.: *Altireta*. Berlin 1937.
- *Altanatolien. Kunst und Handwerk in Kleinasien von den Anfängen bis zum völligen Aufgehen in der griechischen Kultur*. Berlin 1942.
 - *Altisrien. Kunst und Handwerk in Cypern, Syrien, Palästina, Transjordanien und Arabien von den Anfängen bis zum völligen Aufgehen in der griechisch-römischen Kultur*. Tübingen, 1951.
 - *Ornamente der Völker*. Tübingen, 1955.
- BREUTZ, P. L.: «Stone Kraal Settlements in South Africa». *African Studies*, 1956, pp. 157-175.
- CARDOZO, M.: «Sarmiento e o termo suástica». *RG XXXVIII/1928*, pp. 5-7.
- «A Pedra Formosa». *RG XXXVIII/1928*, pp. 139-152.
 - «A Pedra Formosa da Citânia de Briteiros e a sua interpretação arqueológica». *Brotéria XVIII/1934*, pp. 180-191. Lisboa.
 - «Algumas observaciones sobre el arte ornamental de los «castros» del Noroeste de la Península Ibérica». *CIVCA*, pp. 345-367. 1948.
 - «Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento». *RG LX/1950*, pp. 405-486; 1951, pp. 5-80.
 - «Exploração arqueológica na Citânia de Briteiros». *RG LXVI/1956*, pp. 508-512.
 - *Citânia de Briteiros e castro de Sabroso. Notícia descritiva*. Guimarães, 1956.
 - «A tradição náutica na mais antiga História da Península Hispânica». *RG LXX/1960*, pp. 491-514.
 - «Alguns problemas da cultura. dos castros no Norte de Portugal». Comunicação apresentada ao *XXVI Congresso Luso-espanhol para o progresso das Ciências (Porto 1962)*.
- CAROÇO, J. V.: *Monjur. O Gabú e a sua história*. Bissau, 1948.
- CATON-THOMPSON, G.: *The Zimbabwe Culture*. Oxford, 1931.
- CAZENEUVE, J.: *La mentalité archaïque*. Paris, 1961.
- CHILDE, G.: «Cerâmicas pré-históricas britânicas e portuguesas». *RG LX/1950*, pp. 5-16.

- CHILDS, G. M.: *Umbundu Kinship*. Oxford, 1949.
- CHRISTIAN, V.: «Die Herkunft der Sumerer». *C XXV CO*, I, p. 177 s. Moscou, 1962.
- CHRISTINGER, R.: «Le mythe du labyrinthe». *Archives suisses d'Anthropologie générale*, XXVI-1961, pp. 41-60.
- CLARK, D.: *The Prehistory of South-Africa*. Pelican Books, A458. 1959.
- CLAUSS, R.: «Kannte das Altertum die Azoren?». *Petermanns Geographische Mitteilungen* 106/1962, pp. 43-45.
- COLE, S.: *The Prehistory of East Africa*. Pelican Books A316. 1954.
- COLLE, R. P.: *Les Baluba*. Bruxelles, 1913.
- CONTENAU, G.: *La déesse nue babylonienne*. Paris, 1914.
 — *La civilisation des Hittites*. Paris, 1948.
- CUMONT, F.: *Textes et monuments figurés relatifs aux mystères de Mithra*, II. Bruxelles, 1896.
- DANMANVILLE, J.: «Un roi hittite honore Ichtar de Samuba». *Revue Hittite et Asiatique* 14, 1956, pp. 39-61.
- DART, D.: «Foreign Influences of the Zimbabwe and Pre-Zimbabwe Eras». *NADA*, Salisbury 32/1955, pp. 19-30.
- DELGADO, J. Alvarez.: «Petroglifos de Canarias». *Boletín de la Real Sociedad Geográfica*, Madrid, LXXXV/1949, pp. 428-451.
- DEONNA, W.: «La vie millenaire de quelques motifs décoratifs». *Genava* VII/1929, pp. 167-212.
- DEVOTO, G.: *Origini indeuropee*. Sansoni-Firenze, 1962.
- DITTMER, K.: «Hochkulturelle und ausserafrikanische Einflüsse auf die afrikanische Kunst». (Resumo de uma conferência). *Tribus*, Jahrbuch des Linden-Museums Stuttgart, 1952-53, p. 488.
- DOKE, C. M.: *Lamba Folk-lore*. New York, 1927.
- DUNDAS, Ch.: *Kilimanjaro and its people*. London, 1924.
- DUSSAUD, R.: *Les civilisations préhelléniques dans le bassin de la Mer Egée*. Paris, 1914.
- DZAFARZADE, I. e S. K.: «Pedras tumulares do Azerbaydjan». *Sovietskaya Etnografiya* 3/1956, pp. 104-109 (em russo).
- EDSMAN, C.-M.: «Labyrint», *Religion in Geschichte und Gegenwart*, 4/1960, p. 194.
- ESTERMANN, C.: *Etnografia do sudoeste de Angola*, II et III. Lisboa 1961.
- EVANS, J.: *Life in Medieval France*. London, 1957.
- FAGG, W.: «L'art nigérien avant Jésus-Christ». *Présence Africaine*, 10-11/1951, pp. 91-95.
- FERNÁNDEZ DE AVILÉS, A.: «La nueva piedra de Ampurias con decoración espiraliforme». *C IV CA*, p. 288-291.
- FREEMAN-GRENVILLE, G.: *The Medieval History of the Coast of Tanganyika*. Berlin, 1962.
- FROBENIUS, L.: *Erythräa*. Zürich, 1931.

- GARCÍA Y BELLIDO, A.: «Os mais primitivos nomes da Península Hispânica». *RG* LVI/1946, pp. 227-250.
- *La Península Ibérica en los comienzos de su história*, Madrid, 1953.
- GARD, J. e MAUNY, R.: «Découverte de tumulus dans la région de Diourbel (Sénégal)». *Notes Africaines*, 89/1961, p. 10-11, avec 3 fig.
- GASTER, T.: *Les plus anciens contes de l'humanité*. Paris, 1953.
- GELFAND, M.: *Medicine and Magic of the Masbona*. Cape Town, 1956.
- GINZBERG, L.: *The Legends of the Jews*. I-VII, Philadephia, 1938-46.
- GLORY, A.: «Les peintures de l'Âge du Métal en France Méridionale». *Préhistoire X*/1948, pp. 7-135.
- GOBLET D'ALVIELLA, Conde: *The Migration of Symbols*. Westminster, 1894.
- GOODALL, E.: «Rhodesian Pots with Moulded Decorations». *NADA*, 1946, pp. 36-49.
- GRAKOV, B. N. e TEREÑOZKINE, A. I.: «O antigo lugar de Soubbotovsk». *Sovietsk. Arkheolog.* 1/1958, pp. 164-178 (em russo).
- HAUENSTEIN, A.: «Le serpent dans les croyances de certaines tribus de l'est et du sud de l'Angola». *Mem. e Trab. Inst. Invest. Cient. Angol.* (Luanda) 2/1960 (1961), pp. 217-234. (Com resumos em português, inglês e alemão).
- HEINE-GELDERN, R.: «Ein römischer Fund aus dem vorkolumbischen Mexiko». *Anzeiger der Österreich. Akad. der Wissenschaften*. Philos.-hist. Klasse. 98/1961, pp. 117-119.
- HOLÝ, L.: «Die Eisenerzeugung in Nordrhodesien und den benachbarten Gebieten». *Ceskoslovenska Etnografie*, IX/1961, pp. 374-392.
- HOOKE, S., H.: *The Labyrinth*. London, 1935.
- INAL-IPA, S. D.: *As aventuras do narte Sasrykva e dos seus 99 irmãos. Poema épico dos Abkbazes*. Moscovo, 1962 (em russo).
- JACOTTET, E.: *Textes Soubiya*. Paris, 1899.
- JARITZ, K.: *Die Kulturreste der Kassiten*. A 1960, pp. 17-84.
- JENSEN, AD. E.: «Simbabwe und die Megalithkultur». *PI*:3/1939, pp. 101-119.
- *Das religiöse Weltbild einer frühen Kultur*. Stuttgart, 1948.
- *Altvölker Süd-Äthiopiens*. Stuttgart, 1959.
- JOHNSON, F.: «Kiniramba Folk Tales». *Bantu Studies*, Johannesburg, V/1931, pp. 327-354.
- JOYCE, T. A.: «Steatite Figures from West Africa in the British Museum». *MAN* 1905, pp. 97-100.
- JUNOD, H.: *The Life of a South-African Tribe*. London, 1927.

- KALOYEV, V. A.: «O motivo das amazonas na poesia épica de nartes das Osétines». *Kratkiye soobsheniya* XXXII/1959, pp. 45-52. Instituto de Etnografia. Moscovo (em russo).
- KARST, J.: *Grundsteine einer Mittelländisch-Asianischen Urgeschichte*. Leipzig 1928.
- *Atlantis und der liby-äthiopische Kulturkreis*. Heidelberg. 1931.
- *Essai sur l'origine des basques ibères et peuples apparentés*. Strasbourg 1954.
- KENNEDY, D. A.: «Sceaux hittites conservés à Paris». *Revue Hittite et Asiatique* 65/1959, pp. 147-172.
- KERÉNYI, K.: «Labyrinth-Studien». *Albae Vigiliae*, XV/1941.
- *La mythologie des Grecs*. Paris 1952.
- KOHL-LARSEN, L.: *Felsmalereien in Innerafrika*. Stuttgart 1938.
- *Das Elefantenspiel*. Eisenach und Kassel 1956.
- LAMTATIDZE, S. A.: «Resultados das pesquisas em Tbilisi». *Sovjetsk. Arkeologiya*, 4/1959, pp. 61-73. (em russo).
- LAUŠKINE, K. D.: «O santuário onegiano». *Skandinavski Sbornik* 4/1959, pp. 83-111; 5/1962, pp. 177-298 (em russo, com resumos em sueco).
- LAVACHERY, H.: «L'art des noirs d'Afrique et son destin». *Présence Africaine*, 10-12/1951, pp. 38-57.
- LAVROV, L.: «Crenças pré-islâmicas dos Adygués e Cabardins». *Materiais sobre as crenças primitivas*. Obras do Instituto de Etnografia, 51/1959, pp. 193-236 (em russo).
- LEISNER, G.: *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, I e II. Berlin 1943.
- LEITE DE VASCONCELOS, J.: *Religiões da Lusitania*, II-III:1. Lisboa 1905, 1909.
- LHOTE, H.: *Klippmålningarna i Sabara*. Stockholm 1959.
- LISITSIAN, N.: «Esboços etnográficos da Arménia pré-revolucionária». *Kavkazsk. Etnograf. Sbornik* 1/1955, pp. 182-264 (em russo).
- MARKOVINE, V. T.: «Gravuras rupestres dos promontórios do Nordeste do Daghestan». *Sov. Arkeologiya* 1/1958, pp. 147-162 (em russo).
- MATEUS, A.: «Acerca da pré-história da Guiné». *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, IX-35-1954, pp. 457-472, com 14 estampas.
- MAYANI, Z.: *Les Etrusques commencent à parler*. Arthaud 1961.
- MELLINK, M. J.: «Archaeology in Asia Minor». *American Journal of Archaeology* 67/1963, pp. 173-190.
- MÉRIGGI, P.: *Hieroglyphisch-bethitisches Glossar*. Wiesbaden 1962.

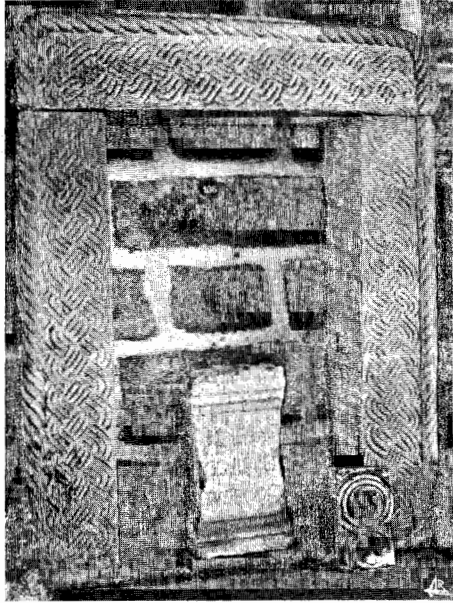
- MÜHLESTEIN, H.: *Die verhüllten Götter*. Wien 1957.
- NEEL, H.: «Statuettes en pierre et en argile de l'Afrique Occidentale». *L'Anthropologie*, 24/1913, pp. 419-443.
- NEUPARTH, A. E.: «Zambézia e Barué». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 25/1907, pp. 97-125.
- OLDEROGGE, D. A.: «Uma estatuetta feminina da tribo Baga». *Boletim da Academia das Ciências da URSS. Classe de Ciências Sociais*, 1934, pp. 235-244 (em russo).
- *A arte oeste-africana*. Moscovo 1958. (em russo, com resumo em francês).
- v. d. OSTEN, H. H.: «The Snake Symbol and the Hittite Twist». *American Journal of Archaeology*, XXX/1926, pp. 405-417, com 35 fig.
- *Allorientalische Siegelsteine der Sammlung H. S. v. Aucock*. Uppsala 1957.
- PEQUART, M. et St.-J. e LE ROUZIC, Z.: *Corpus des signes gravés des monuments mégalithiques du Morbihan*. Paris 1927.
- PERICOT GARCIA, L.: *La civilización megalítica catalana y la cultura pirenaica*. Barcelona 1925.
- PINHO, M. J. de: «Sur les survivances du culte phallique dans les fêtes en l'honneur de Saint-Gonçalo de Amarante». *Congrès Internat. d'Anthrop. et d'Arch. Préhist.* IV.^e Session de l'Institut Int. d'Anthropologie. Portugal, 21-30 Septembre 1930. Extrait. Paris 1931.
- PYPER, C.: «Some engraved stones of the Lydenburg District». *S. Afr. Journ. of Sc.* XV/1919. Johannesburg 1918. pp. 416-417 com 6 fig.
- RATTON, Ch.: «L'or fétiche. L'art nègre». *Présence Africaine*, 10-11/1951, p. 136-155.
- REDINHA, J.: «Museu de Angola. Coleção etnográfica». Luanda 1955.
- RHS, P. J.: *Den etruskiske kunst*. Köbenhavn 1948.
- RISCH, E.: «Die Entzifferung der minoischen Linearschrift B». *A* 1958, pp. 143-160.
- ROSSITER, E.: «Prehistoric Inyanga — Data and Conclusions». *Proceedings of the Rhodesia Scientific Association*, XXXVI/1938, pp. 95-101.
- RÜTIMEYER, L.: «Über westafrikanische Steinidole.» *Internationales Archiv für Ethnographie*, XIV/1901, pp. 195-215, estampas XVI-XVIII, 18 fig.
- RYBAKOV, B. A.: «Os antigos Rusy». *Sov. Arkheologiya* XVII, pp. 23-104 (em russo).
- SANTOS JENER, S. de los: «Prehistoria Cordobesa». *C IV CA*, pp. 142-150.
- SCHACHERMEYER, F.: *Poseidon und die Entstehung des griechischen Götterglaubens*. Bern, 1950.
- SCHARFF, A.: «Die frühen Felsbilderfunde in der ägyptischen Wüste und ihr Verhältnis zu den vorgeschichtlichen Kulturen des Niltals». *P* 2-1941/43, pp. 161-177.

- SCHULTEN, A.: «Die Etrusker in Spanien». *Klio*, 23/1930, pp. 363-432.
- SCHULZ, A.: «Das Riemenornament». *Mitteilungen des Forschungsinstituts für Kulturmorphologie*. Frankfurt 3/1928.
- SICARD, H. de: «The Tree Cult in the Zimbabwe Culture». *African Studies*, Johannesburg, 1946, pp. 259-267.
- «Ostafrikanische Amazonen». *P IV*-1950, pp. 279-285.
- «The Romwe under Chief Cingoma». *NADA*, 1951, pp. 5-25.
- *Nogma lungundu*, SEV V. Uppsala 1952.
- «Ribas Óscar, *Ilundo*». Crítica. *A* 54/1959, pp. 627-631.
- «The *hakata* Names». *NADA* 36/1959, pp. 26-29.
- *Ngano dzeci Karanga/Karanga-Märchen* I. Lund 1964 (no prelo).
- SOBRINO LORENZO-RUZA, R.: «Petróglifos e labirintos». *RG LXI*/1951, pp. 378-402.
- «Los motivos de labirintos y su influencia en los petroglifos gallego-atlánticos». *RG LXIII*/1953, pp. 56-82.
- «Ensayo de datación de los laberintos grabados europeos tipo Tagliatella». *RG LXVI*/1956, pp. 426-444.
- SÖDERBERG, B.: «Ancestor Guardian Figures and Ancestral Baskets among the Bakuta». *Ethnos* 1956, pp. 105-117.
- STANLEY, H.: *Through the Dark Continent*, I & II, London 1878.
- STAUDINGER, P.: «Funde und Abbildungen von Felszeichnungen aus den alten Goldgebieten von Portugiesisch-Südostafrika». *Zeitschrift für Ethnologie*, 43/1911, pp. 140-146, 9 fig.
- STAYT, H.: *The Bavenda*. London 1931.
- SUMMERS, R.: *Prehistoric Rock Art of the Federation of Rhodesia and Nyasaland*. 1959.
- *Inyanga*. Cambridge, 1958.
- TARRADELL, M.: «Estado actual de la investigación arqueológica en la Zona de Protectorado Español en Marruecos». *C IV CA*, pp. 80-88, 5 lam.
- TEGNAEUS, H.: *Le béros civilisateur*. SEU II. Upsal, 1950.
- TORDAY, E.: *On the Trail of the Bushongo*. London, 1925.
- TORDAY, E. et JOYCE, M.: *Les Bushongo*. Bruxelles 1910.
- TOVAR, A. e de NAVASCUÉS, J.: «Algunas consideraciones sobre los nombres de divinidades del Oeste peninsular». *Miscelánea à memória de F. A. Coelho*, I, pp. 178-191. Lisboa, 1949.

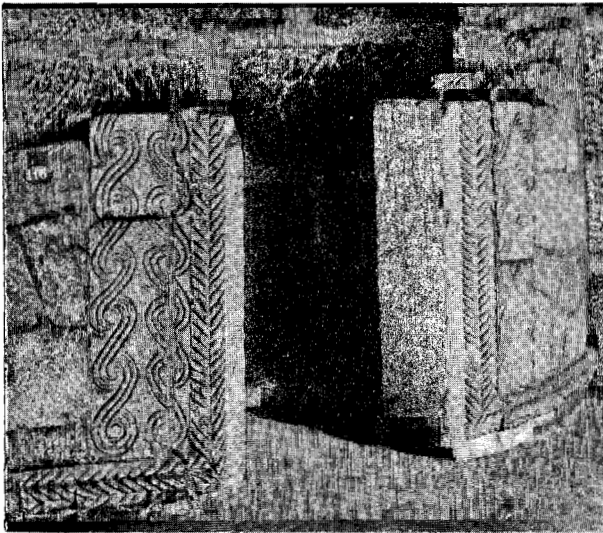
- TRACEY, H.: «The Bones» *NADA*, 1934, pp. 23-26.
- UGOLINI, L. M.: *Malta. Origini della civiltà mediterranea*. 1934.
- VIANA, A., O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade: «Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel». *RG LXXI/1961*, pp. 247-254. 6 fig.
- WEYERSBERG, M. e LOMMEL, H.: «Regenkamm und Himmelsrind». *P 3/1/1939*, pp. 120-146.
- WILDER, G.: «Ndau Religion». *Hartford Seminary Record*, 1-3/1907.
- WILCOX, A. R.: *Rok Paintings of the Drakensberg*. London 1956.
- WÖLFEL, D. J.: «Die Hauptprobleme Weissafrikas». *Archiv für Anthropologie*, N. F. XXVI/1941, pp. 89-140.
- «Die Kanarischen Inseln, die westafrikanischen Hochkulturen und das alte Mittelmeer.» *P 4/1950*, pp. 231-253.
 - «Die Gottesnamen der Libyer und Berber». *Die Sprache*, II/1950-1952, pp. 171-181.
 - *Die Religionen des vorindogermanischen Europa. Christus und die Religionen der Erde*, I, pp. 161-537. Wien, 1951.
 - *Megalithikum und die archaischen Hochkulturen*. Handbuch der Weltgeschichte, éd. A. RANDA, I, pp. 173-182. Olten 1954.
 - «Zeugnisse der Steinzeit-Wikinger?» *Umschau*, Heft 9, 58/1958, pp. 273-274.
- ZWERNEMANN, J.: «Der Widder und seine Verbindung zu Sonne und Gewitter in Afrika». *A 54/1959*, pp. 433-459.

ESTAMPAS

Est. I

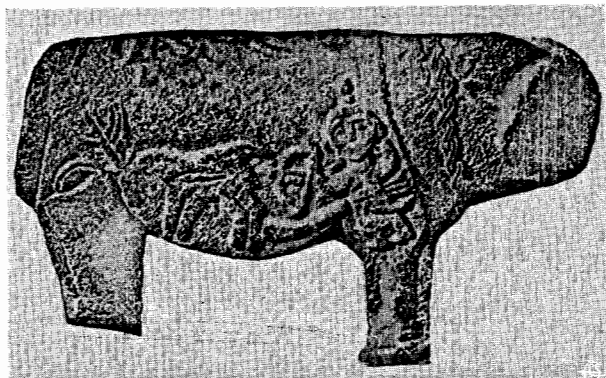


1



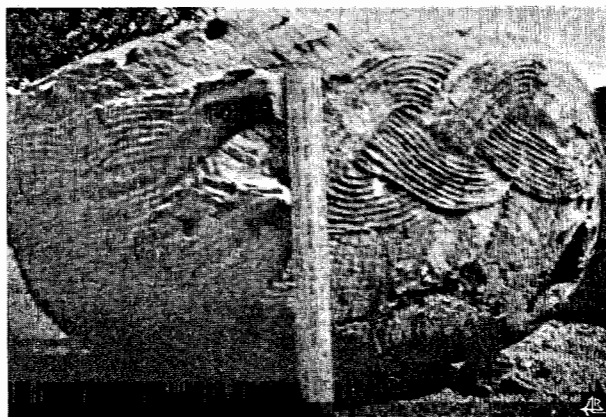
2

Esr. II



1 — *Carneiro tumular de pedra, de Azerbaidzan.*

(Segundo DZAFARZADE)



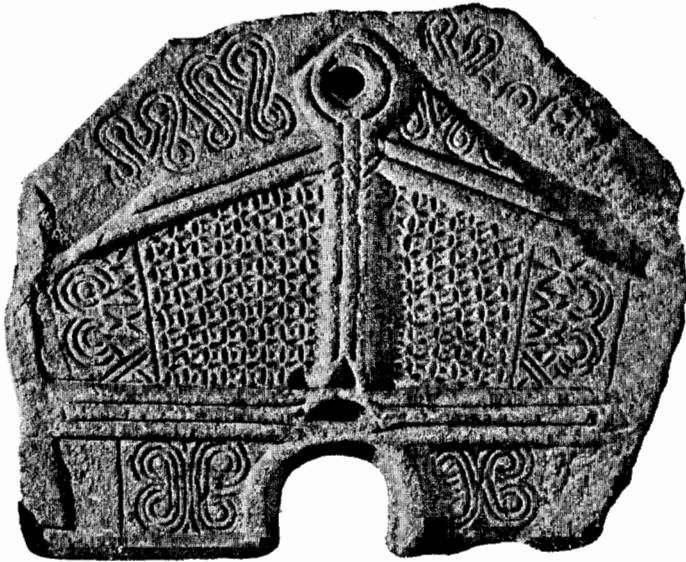
2 — *Tambor antigo Ngoma lungundu (Rodésia do Sul).*

(Segundo DE SICARD)



1 — Vaso proto-elamita de Susa, com serpentes entrelaçadas.

(Segundo v. d. OSTEN)



2 — A «Pedra Formosa»

Est. IV



1 — *Labirintos serpentiformes, no mosaico da casa de um chefe, nos Camarões.*

(Segundo BAUMANN)



2 — *Labirinto numa moeda de Cnosos.*

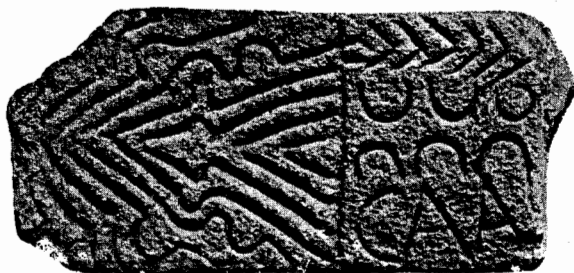
(Segundo RAMÓN SOBRINO)



1— *Labirinto serpentina, pintura rupestre de Umtali (Rodésia do Sul).*
(Segundo SUMMERS)

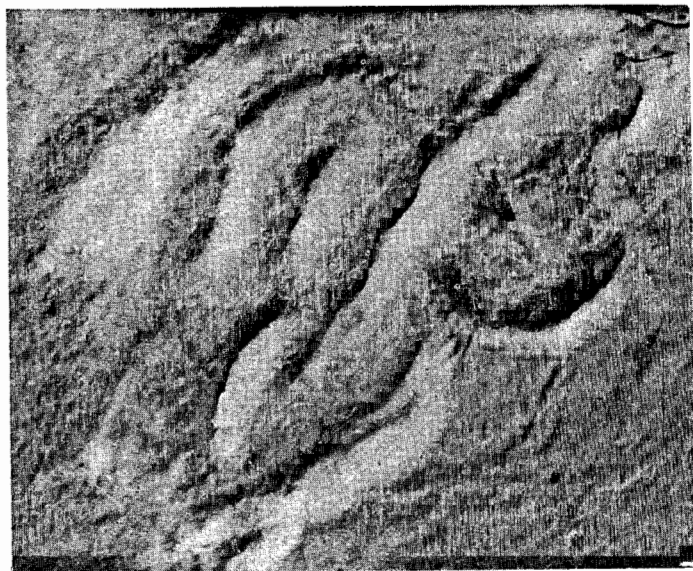


Est. VI



1 — *Pedra procedente da Citânia de Briteiros, com labirinto estilizado, semicírculos e ornato em folha de palmeira.*

(Museu de MARTINS SARMENTO, Guimarães)



2 — *Gravura existente na face posterior da «Pedra Formosa», da Citânia de Briteiros.*

(Museu de MARTINS SARMENTO, Guimarães)



1 — *Mesa de pedra* (Steintisch) de Inyanga (Rodésia do Sul).

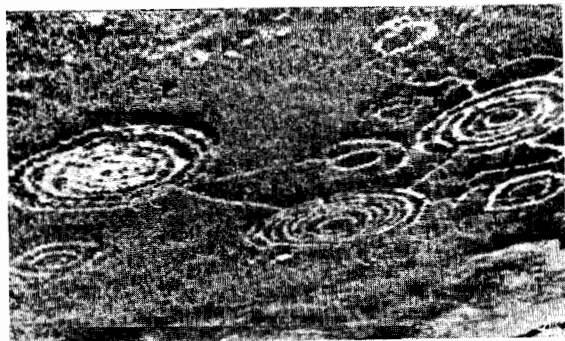
(Fot. do Instituto Frobenius, de Frankfurt-a.-M.)



2 — *Labirinto de Mogor* (Pontevedra).

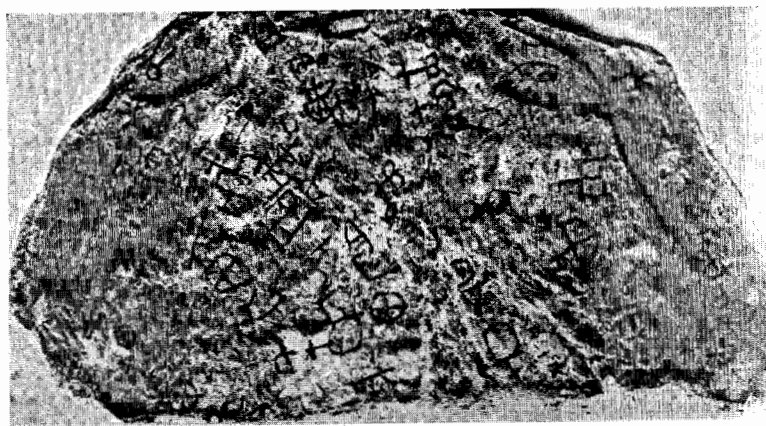
(Segundo R. SOBRINO)

EST. VIII



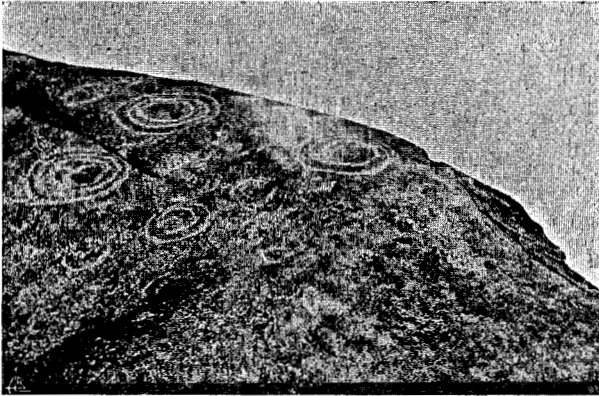
1 — *Labirinto complicado, numa gravura rupestre de Angola.*

(Segundo BAUMANN)



2 — *Petróglifo espanhol.*

(Segundo PERICOT GARCIA)

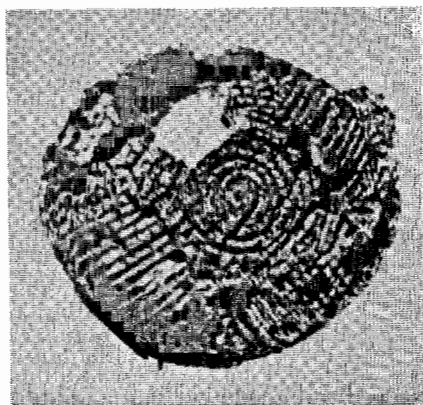
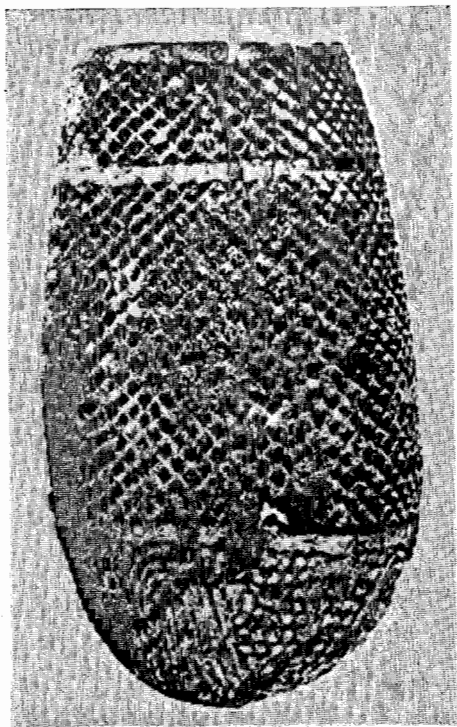


1 — *Circunferências concêntricas, gravura rupestre do Castro de Sabroso.*
(Segundo M. CARDOZO)



2 — *Circunferências concêntricas e suástica, gravura rupestre do Monte da Saia (Barcelos).*
(Segundo M. CARDOZO)

Est. X

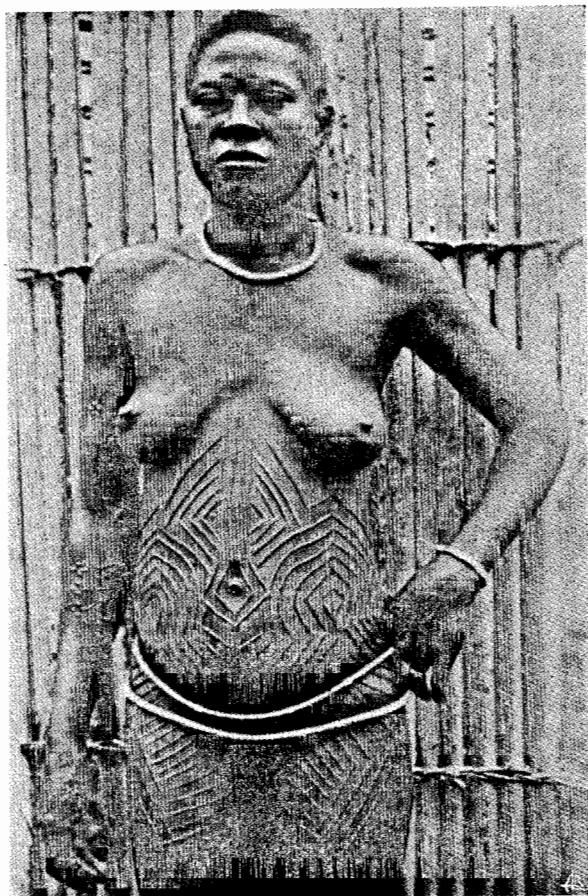


Vaso de madeira do Tanganbica.



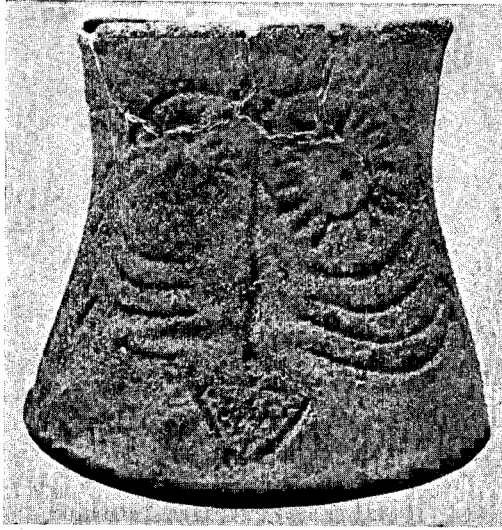
Pintura rupestre (Montes Matopo, Rodésia do Sul)
(Segundo GOODALL)

EST. XII



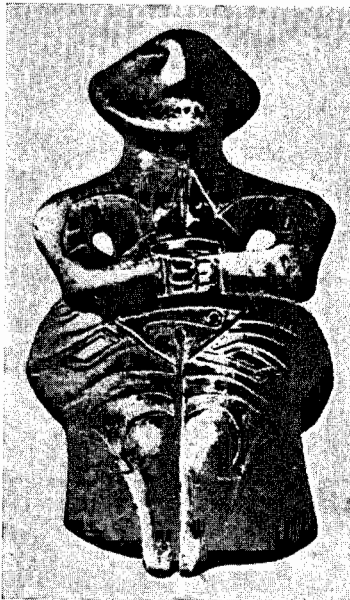
Tatuagem do ventre de uma mulher Kuba (Congo)

(Segundo TORDAY)

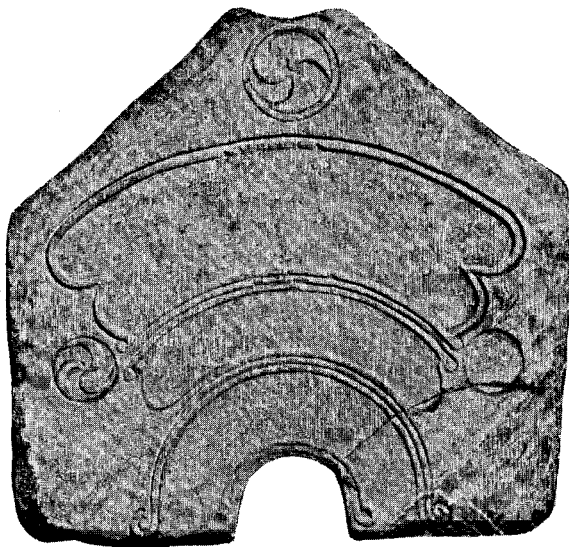


1 — Vaso com ornamentação imitando tatuagem, procedente de Aljustrel (Alentejo).

(Segundo VEIGA FERREIRA)



Est. XIV



*Estela do monumento funerário da Citânia de Briteiros,
descoberto em 1930.*

(Segundo M. CARDOZO)

Est. XV



Pedra da Citânia de Briteiros, com dois trisceles e uma faixa de quatro quadrados.

(Museu de MARTINS SARMENTO. Guimarães)

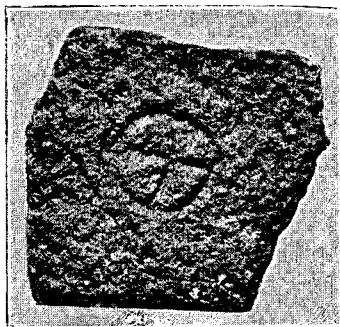
Est. XVI



1



2



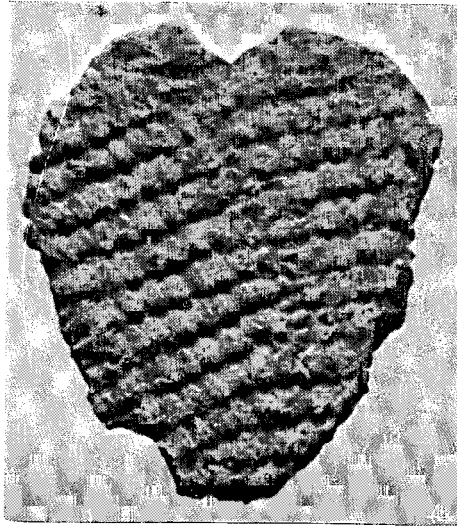
3

1 — Trisceles e cruz do tipo da cruz «românica».

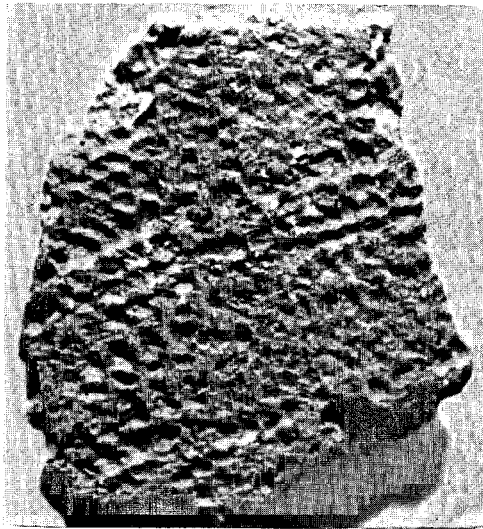
2 — Tetrásceles e sinal em X.

3 — Cruz inscrita num círculo.

(Museu de M. SARMENTO, Guimarães)



1



2

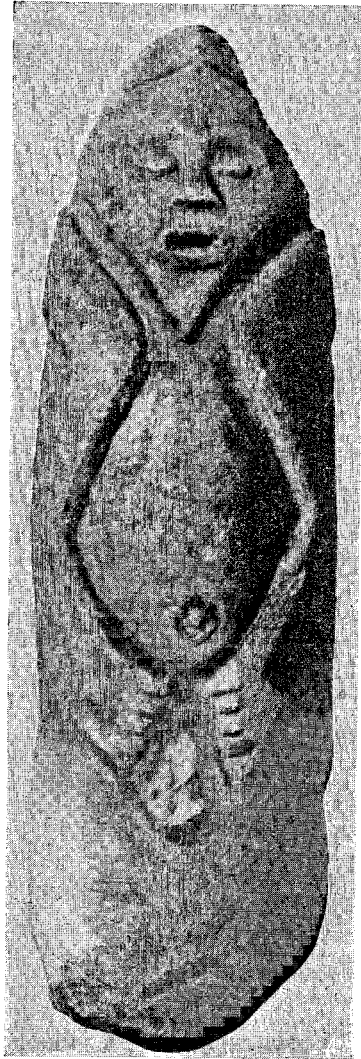
- 1 — *Fragmento cerâmico proveniente da Guiné Portuguesa.*
(Segundo AMÍLCAR MATEUS)
- 2 — *Fragmento cerâmico procedente dos arredores de Amarante.*
(Museu de Amarante)

Esr. XVIII



Estátua de granito procedente do Monte de Picos (Póvoa de Lanhoso).

(Museu de MARTINS SARMENTO, Guimarães)



Estátua-menhir procedente da margem do rio Cross (Nigéria). (Museum für Völkerkunde, Berlin).

(Segundo BAUMANN)

Est. XX



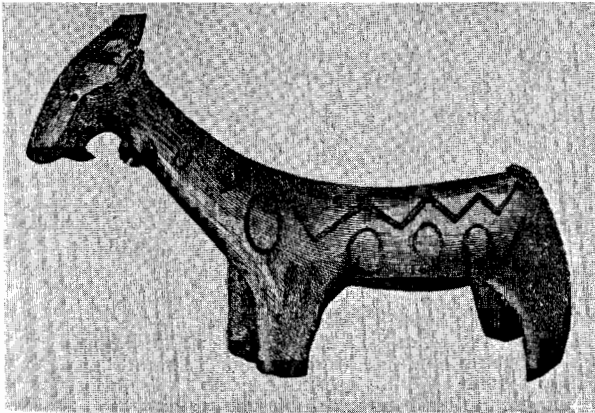
*Pintura rupestre de uma gruta do Natal, perto da fronteira da
Bazutulândia.*

(Segundo WILLCOX)



1 — Cabrinha de bronze consagrada à deusa Atégina, encontrada perto de Cáceres (Espanha).

(Segundo L. DE VASCONCELOS)



2 — Cabrinha de bronze ornamentada com círculos, procedente de Mértola (Museu Etnológico de Lisboa).

Est. XXII



Emblema hitita figurando um veado.

(Segundo AKURGAL)